

A AQUISIÇÃO DA ELIPSE NOMINAL EM PORTUGUÊS EUROPEU – PRODUÇÃO E COMPREENSÃO

Daniela Clara

**Dissertação de Mestrado em Psicolinguística realizada sob a
orientação científica do Professora Doutora Maria Lobo**

AGOSTO, 2008



Declaro que esta Dissertação de Mestrado é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O(A) orientador(a),

Lisboa, de de

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio de várias pessoas, a quem gostaria de expressar o meu profundo reconhecimento.

Em primeiro lugar à minha orientadora, a Professora Maria Sousa Lobo, pelo empenho que demonstrou por esta dissertação e por todas as leituras e críticas que fez e que contribuíram fortemente para a realização desta tese.

Às educadoras e a todas as pessoas das instituições envolvidas, que me facilitaram o acesso às instalações e a recolha dos dados junto das crianças.

Às minhas colegas e amigas do curso de mestrado, Joana Ambulate e Teresa Santos, pelo apoio ao longo desta dissertação. Também à Carolina Silva pela ajuda na aplicação do meu primeiro teste.

Aos meus queridos pais, Jusa e Carlos, por todo o carinho e apoio incondicional. Um obrigado especial à minha mãe pelas imagens.

Finalmente, ao André, pela paciência e pelo incentivo.

RESUMO

A AQUISIÇÃO DA ELIPSE NOMINAL EM PORTUGUÊS EUROPEU – PRODUÇÃO E COMPREENSÃO

DANIELA CLARA

Palavras-chave: elipse nominal, aquisição, morfologia, português europeu

Esta dissertação investiga a aquisição de elipse nominal por crianças falantes de português europeu como língua materna, partindo de trabalho de natureza experimental.

Depois de se fazer uma revisão das principais características da elipse nominal, das diferentes hipóteses teóricas sobre o tópico e dos trabalhos na área da aquisição, apresentam-se os resultados do trabalho experimental. Foram realizados um teste de produção elicitada e dois testes de compreensão com diferentes metodologias – uma tarefa de avaliação de valor de verdade e uma tarefa de “act out”.

Na sequência de trabalhos feitos com base em dados de produção espontânea para outras línguas, que procuram investigar uma possível correlação entre morfologia rica e legitimação de elipse nominal, o teste de produção elicitada pretende averiguar se as crianças falantes de português europeu produzem elipse nominal em diferentes contextos – com adjectivos e com SPs – e se a morfologia de género e número (no determinante e no adjectivo) tem alguma influência na produção de elipse nominal. Os testes de compreensão, na sequência de trabalho realizado sobre a compreensão de elipse nominal na aquisição do inglês e do neerlandês (cf. Wjinen, Roeper & Meulen (2004)), têm como principal objectivo investigar a forma como a criança recupera o conteúdo da elipse nominal, procurando saber em particular se a elipse é recuperada com base no discurso linguístico antecedente ou se privilegia o contexto situacional.

Os testes permitiram concluir que: i) as crianças portuguesas com 2 anos já produzem elipse nominal, não tendo manifestado problemas ao nível da concordância morfológica; ii) as crianças portuguesas a partir dos 2 anos privilegiam a interpretação da elipse nominal com base no antecedente linguístico; iii) existe um efeito de desenvolvimento na interpretação da elipse nominal, uma vez que as crianças mais novas aceitam, num número considerável de casos, que a elipse seja recuperada apenas com base no contexto situacional, o que poderá ser explicado pelo facto de esta categoria vazia corresponder não a uma elipse canónica, mas a um pronominal nulo.

ABSTRACT

A AQUISIÇÃO DA ELIPSE NOMINAL EM PORTUGUÊS EUROPEU – PRODUÇÃO E COMPREENSÃO

DANIELA CLARA

Key-words: nominal ellipsis, acquisition, morphology, European Portuguese

This dissertation investigates the acquisition of nominal ellipsis in European Portuguese as a first language, using experimental methods.

After presenting a review of the main properties of nominal ellipsis, the different theoretical hypothesis about the topic and relevant papers in the acquisition area, I present the results of my research, which consisted in an elicited production test and two comprehension tests with different methodologies – a truth value judgment task and an act-out task.

Following previous works based on spontaneous production data from others languages, which try to investigate a possible correlation between rich morphology and the licensing of nominal ellipsis, the elicited production test aims at investigating if Portuguese-speaking children produce nominal ellipsis in different contexts – with adjectives and with PPs – and if the morphology of gender and number (in determiners and in adjectives) has any influence in the production of nominal ellipsis. The comprehension tasks, following a study on the comprehension of nominal ellipsis by English and Dutch children (cf. Wjinen, Roeper & Meulen (2004)), has as its main goal to investigate how children recover the content of nominal ellipsis, trying to find out in particular if the ellipsis is recovered based on the previous linguistic discourse or if children prefer to interpret nominal ellipsis based on the situational context.

The results of the experiments allowed us to conclude that: i) two-year-old Portuguese children produce nominal ellipsis, and that there were no problems with morphological agreement; ii) Portuguese children older than two-year-old choose preferentially an interpretation of nominal ellipsis based on the linguistic antecedent; iii) there is a developmental effect in the interpretation of nominal ellipsis, since younger children accepted, in a considerable number of cases, that the ellipsis be recovered based on a situational context only; this may be explained by the fact that the empty category corresponds not to a canonical ellipsis, but to an null pronominal.

Índice

1 – Introdução.....	1
2 – As Construções Elípticas – A Elipse Nominal.....	4
2.1 – Estruturas com Elipse.....	4
2.2 – A Elipse Nominal.....	7
2.2.1 – Breve caracterização da Elipse Nominal.....	7
2.2.2 – Estatuto categorial da Elipse Nominal.....	8
2.2.3 – Algumas propostas sobre a Elipse Nominal.....	9
2.3 – Condições de Identificação e Legitimação de EN em PE.....	12
3 – A Aquisição das Construções com Elipse – A Elipse Nominal.....	19
3.1 – Aquisição da Linguagem e a Teoria de Princípios e Parâmetros.....	19
3.2 – A Aquisição de Estruturas Elípticas e Categorias Vazias – Revisão da Literatura.....	20
3.2.1 – Aquisição de sujeito nulo.....	20
3.2.2 – Aquisição de objecto nulo.....	21
3.2.3 – Aquisição de elipse de VP.....	25
3.3 – A Aquisição de Elipse Nominal.....	26
3.3.1 – Compreensão de elipse nominal.....	26
3.3.2 – Produção de elipse nominal e morfologia de concordância.....	27
4 – A Compreensão de Estruturas com Elipse Nominal: um estudo experimental.....	33
4.1 – Enquadramento.....	33
4.2 – Caracterização da amostra.....	36

4.3 – Aplicação do teste de Produção Elicitada de EN.....	37
4.3.1 – Metodologia.....	37
4.3.2 – Apresentação e análise dos resultados.....	39
4.3.3 – Discussão.....	43
4.4 – Aplicação dos testes de Compreensão de EN.....	44
4.4.1 – Teste de Compreensão com tarefa de Juízo de Valor de Verdade.....	45
4.4.1.1 – Metodologia.....	45
4.4.1.2 – Condições testadas e justificação.....	47
4.4.1.3 – Apresentação e análise dos resultados.....	48
4.4.2 – Teste de Compreensão “Act-Out”.....	52
4.4.2.1 – Metodologia.....	52
4.4.2.2 – Condições testadas e justificação.....	53
4.4.2.3 – Apresentação e análise dos resultados.....	55
4.4.3 – Discussão.....	58
5 – Conclusão.....	61

Referências Bibliográficas

Anexo A: itens do teste de produção elicitada

Anexo B: quadro de registo individual das crianças do teste de produção elicitada

Anexo C: imagens utilizadas no teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade.

Anexo D: itens do teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade

Anexo E: quadro de registo individual das crianças do teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade

Anexo F: itens do teste de compreensão com tarefa de “act-out”

Anexo G: quadro de registo individual das crianças do teste de compreensão com tarefa de “act-out”

Anexo H: quadros de registo individual do grupo de controlo

1 – Introdução

De acordo com o modelo de Princípios e Parâmetros da gramática generativa, qualquer criança possui a faculdade da linguagem, uma capacidade inata que lhe permite adquirir, desde muito cedo, itens lexicais que lhe possibilitam fixar os parâmetros da sua língua. Para que a criança possa construir a sua gramática, tem de passar por uma exposição ao material linguístico. Esta exposição à língua é essencial no processo de aquisição da criança.

De acordo com a “hipótese da continuidade”, as estruturas geradas pelas crianças obedecem aos princípios universais da G.U., assim como as geradas pelo adulto. Seria, então, de esperar que quer o adulto quer a criança apresentem o mesmo tipo de performance. No entanto, verifica-se que a compreensão de uma criança na fase de aquisição da linguagem não é semelhante à do adulto.

Neste longo percurso de aquisição, a criança começa por ter disponível apenas as estruturas mais simples, sendo a aquisição de estruturas mais complexas feita numa fase mais tardia. Este processo influencia directamente a compreensão e a produção da criança. De facto, entre os 2 e os 5 anos, alguns princípios e parâmetros gramaticais parecem não estar ainda totalmente disponíveis, o que não permite uma interpretação correcta de algumas estruturas.

Um dos fenómenos gramaticais sujeito a diferenças entre línguas, atribuíveis a diferenças paramétricas entre sistemas linguísticos, é a elipse nominal. Este tópico, no entanto, não tem sido muito estudado nos trabalhos de aquisição sobre diferentes línguas, não existindo até à data nenhum trabalho sobre a aquisição da elipse nominal em português. Assim, esta dissertação pretende, por um lado, contribuir para um melhor conhecimento da aquisição da elipse nominal e, por outro lado, para um melhor conhecimento do funcionamento do sistema gramatical.

Esta dissertação pretende estudar a compreensão e a produção da elipse nominal na aquisição do PE, partindo de estudos experimentais com crianças dos 2 aos 5 anos.

Trabalhos anteriores realizados para outras línguas levantam fundamentalmente dois tipos de questões relativamente à aquisição de elipse nominal. Uma das questões, que tem sido abordada em trabalhos que partem de dados de produção espontânea, consiste em saber até que ponto existe uma correlação entre morfologia nominal rica e legitimação de elipse nominal e quais os elementos relevantes para a aquisição da elipse nominal, sujeita a diferentes condições de legitimação em diferentes línguas (cf. Snyder, Senghas & Inman (2001); Ntelitheos & Christodoulou (2005); Valois, Royle & Sutton (2008)). A segunda questão, que foi abordada num estudo experimental, consiste em saber que mecanismos é que as crianças usam na interpretação da elipse nominal: como é recuperado o conteúdo da elipse nominal – com base no contexto linguístico antecedente ou com base no contexto situacional (cf. Wijnen, Roeper & Meulen (2004)).

Relativamente à primeira questão, os trabalhos realizados sobre o espanhol, o grego e o francês mostram que as crianças com 2 anos produzem elipse nominal. Não há, no entanto, consenso quanto ao papel que a morfologia desempenha na aquisição deste fenómeno e quanto ao elemento fundamental – morfologia de concordância em geral, morfologia de número, sistema determinante – para a aquisição da elipse nominal.

Relativamente à segunda questão, Wijnen, Roeper & Meulen (2004) tentam demonstrar que, em inglês e em neerlandês, as crianças mais novas conseguem associar frases ao discurso e que usam meios sintácticos para o fazer. Os autores partem do princípio de que as construções com elipse nominal já estão disponíveis nas crianças com menos de 2 anos, assumindo assim que as crianças conseguem interpretar a elipse nominal através da identificação da informação de estruturas sintácticas no discurso (imediatamente) anterior.

Esta dissertação procura, assim, contribuir para dar resposta a questões como as seguintes:

- i) De que forma é que as condições de legitimação de elipse nominal, sujeitas a parametrização, são adquiridas?
- ii) A gramática das crianças assemelha-se à dos adultos neste ponto ou é mais permissiva?

- iii) A categoria vazia correspondente à elipse nominal está disponível desde cedo?
- iv) Os mecanismos de identificação e legitimação de elipse nominal estão activos desde cedo ou só são adquiridos tardiamente?
- v) Como é feita a interpretação da elipse nominal?
- vi) A identificação da elipse obedece a requisitos gramaticais ou pragmáticos?

Apresenta-se, de seguida, a organização geral deste trabalho.

No capítulo 2, para enquadrar adequadamente os conceitos de EN, concordância morfológica, compreensão, produção e outros que lhes surgem associados, apresento uma revisão bibliográfica sobre construções elípticas, referindo os diferentes tipos de elipse existentes em PE e caracterizando a EN. É feita ainda uma revisão de algumas propostas teóricas sobre a EN em diferentes línguas, nomeadamente Lobeck (1995), Sleeman (1996), Kester (1996), Kester & Sleeman (2002). É feita ainda uma breve descrição da distribuição da EN em PE.

No capítulo 3, apresento uma revisão da literatura de trabalhos relacionados com a aquisição de construções com categorias vazias ou elipses e com a aquisição da EN em particular.

No capítulo 4, apresento o estudo experimental que realizei sobre a aquisição da EN em PE. Numa primeira parte, é feito um enquadramento do trabalho, referindo as questões que se colocam relativamente à produção e compreensão da EN, assim como os objectivos de cada um dos testes aplicados, seguida da descrição da amostra e da metodologia usada em cada um dos testes – produção elicitada, compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade e “act-out”. Por último, são apresentados os resultados obtidos neste estudo experimental, seguindo-se a sua análise e discussão.

No capítulo 5, apresento as conclusões gerais.

2 – As Construções Elípticas – Elipse Nominal

Este capítulo está dividido em duas grandes partes. Na primeira parte, são apresentados os diferentes tipos de construções elípticas existentes no PE, seguindo-se uma caracterização da elipse nominal (EN) - é discutido o seu estatuto categorial são e apresentadas algumas propostas sobre a EN. Na segunda parte são referidas quais as condições de identificação e de legitimação da EN em português.

2.1 – As construções com elipse

A **Elipse** é um processo linguístico que se caracteriza pela omissão de uma palavra ou expressão linguística que o contexto ou a situação permitem recuperar (cf. Matos (2003: 869)).

Este processo abarca diferentes fenómenos de omissão de constituintes sintácticos. Tendo em conta os constituintes afectados pela omissão e o material linguístico realizado presente na construção elíptica, podemos identificar diferentes tipos de elipse: Elipse do SV (1a), Anáfora do Complemento Nulo (1b), Despojamento (1c), Elipse Lacunar (1d), Truncamento (1e), Perguntas e Respostas Abreviadas (1f), Réplicas Rectificadoras (1g) e Elipse Nominal (1h).

(1) a. Os meus amigos só vão passar o fim-de-semana ao Algarve se eu também for [-].

[-]= passar o fim-de-semana ao Algarve.

b. Ainda que queira [-], não posso resolver este problema facilmente.

[-] = resolver este problema facilmente / o / isso

c. A Ana não comprou um CD à Maria mas o Pedro sim [-].

d. A Maria vai ao cinema e a Joana [-] ao teatro.

e. Alguns estudantes *vão ficar sem bolsa* embora não possamos dizer exactamente quais [-].

f. (i) P: Onde foste ontem?

R: Ao circo.

(ii) P: Depois sobes.

R: Para onde?

g. P: O Pedro foi ao teatro?

R: Não, ao cinema.

h. O trabalho de sintaxe da Maria está melhor do que o [-] do João.

Na Elipse de SV (cf. (1a)), o constituinte omitido é o SV, podendo este incluir o vestígio do V, no caso de línguas como o português, em que o V sobe para FLEX. Em português, o verbo principal sobe para Flexão, podendo o vestígio do verbo funcionar como o núcleo do SV elíptico. Por isso, o facto de a Elipse de SV ser compatível com a presença do verbo principal leva a que nalguns casos possa ser confundida com a construção de objecto nulo.

Em português, a Elipse de SV caracteriza-se pela possibilidade de o seu constituinte elíptico ser constituído não apenas por um complemento nominal do verbo, mas por todos os complementos do verbo, bem como os sintagmas adjuntos ao sintagma verbal. Uma segunda característica da Elipse de SV é a obrigatoriedade de o verbo que legitima o constituinte elíptico ser idêntico a um dos verbos que estão no predicado verbal antecedente, ao contrário do que acontece na construção de Objecto Nulo, que admite verbos diferentes na frase antecedente e no sintagma verbal do constituinte elíptico. Em terceiro lugar, a Elipse de SV pode ser legitimada quer por verbos principais quer por auxiliares.

Na Anáfora do Complemento Nulo (ACN), a elipse corresponde a um constituinte frásico ou um pronominal demonstrativo invariável, o clítico *o* ou o pronome *isso*. (cf. Matos (2003: 884-889))

A frase (1b) é um exemplo de Anáfora do Complemento Nulo em que o complemento frásico alterna com o pronome invariável. A ACN só é possível com certos verbos de complementação e com semi-auxiliares modais aspectuais.

A construção (1c) é um exemplo de Despojamento. Segundo Matos (2003), a presença de uma expressão adverbial de polaridade afirmativa ou negativa é

necessária em Despojamento para interpretar o constituinte elíptico como um domínio frásico. A ordem de ocorrência dos constituintes realizados é um factor determinante para a caracterização desta construção. O sintagma realizado que antecede a partícula de polaridade é contrastado com um sintagma idêntico na frase antecedente. A partícula de polaridade encontra-se adjacente à esquerda da elipse e marca o início do constituinte elíptico. O sintagma contrastado encontra-se fora do escopo da partícula de polaridade, esta tem escopo sobre o constituinte elíptico.

A Elipse Lacunar (cf. (1d)) caracteriza-se por afectar o verbo principal flexionado da frase ou a sequência de verbos auxiliar ou principal, deixando obrigatoriamente realizados dois constituintes, geralmente argumentos do predicador verbal. A Elipse Lacunar envolve obrigatoriamente frases com a mesma polaridade.

Na construção de Truncamento (cf. (1e)), a elipse coincide com a frase, e é identificada pelo constituinte interrogado. Nesta construção o constituinte elíptico é introduzido por um sintagma interrogativo, e a relação entre a frase omitida e o seu antecedente pode ser estabelecida através de fronteiras discursivas.

Os exemplos de (1f) e (1g) são exemplos de Perguntas e Respostas Abreviadas e Réplicas Rectificadoras.

Estes três tipos de elipse partilham a propriedade de exibirem um único constituinte lexicalmente realizado, que por si só permite a recuperação da frase omitida. Os tipos de elipse aqui focados operam sobre fragmentos de frase que não correspondem a um constituinte bem delimitado, sendo o sintagma lexicalmente realizado que desempenha a função discursiva de foco.

Em Matos (2003), assume-se que as elipses recobrem omissões que não resultam da deslocação de expressões para outras posições, mas antes da não-realização de constituintes que ocupam a sua posição usual na frase. No entanto, só é possível elidir se existir um contexto que permita recuperar os elementos elípticos. Nalguns casos, o contexto tem de ser linguístico, noutros casos, pode ser extralinguístico. Os diferentes tipos de elipse obedecem a diferentes condições estruturais e apresentam diferentes tipos de restrições. A maioria das elipses afecta uma unidade ao nível da frase (cf. (1a)-(1g)). A elipse nominal, no entanto, afecta uma unidade interna a um constituinte nominal (cf. (1h)).

De facto, a elipse nominal distingue-se de outros tipos de elipse por afectar uma unidade interna ao sintagma determinante (SD), como se pode ver nos seguintes exemplos.

(2) Os filmes que eu prefiro são os [-] de terror.

[-] = filmes

(3) O colar rosa e o [-] verde venderam-se num instante.

[-]= colar

(4) As águas frescas e as [-] naturais venderam-se imediatamente.

[-] = águas

2.2 – A Elipse Nominal

Sendo a construção de elipse nominal o principal objecto de estudo deste trabalho, esta secção é composta principalmente pela apresentação de propostas relacionadas com construções de elipse nominal e pela caracterização das condições de identificação e de legitimação da elipse nominal em português europeu.

Nesta parte, são abordados quatro tópicos relativos à Elipse Nominal (EN). Numa primeira secção, é feita uma breve caracterização da elipse nominal (§2.2.1.), e é discutido o seu estatuto categorial (§2.2.2.). De seguida, são apresentadas diferentes propostas referentes ao tratamento da EN (§2.3), sublinhando os aspectos universais e os aspectos sujeitos a parametrização. Por fim, veremos as condições de identificação e de legitimação da EN em português europeu e ainda algumas restrições existentes a esta construção (§2.4).

2.2.1 – Breve caracterização da Elipse Nominal

A EN caracteriza-se pela omissão do núcleo do SN apenas, ou do núcleo do SN acompanhado de alguns dos seus complementos ou adjuntos (cf. Matos (2003) e Martinho (1998)). Em construções de EN o elemento omitido tem de concordar morfológicamente, em número e em género, com os seus argumentos. A recuperação

do conteúdo da elipse do nome pressupõe uma identidade categorial com o seu antecedente. Note-se que a elipse ocorre frequentemente em construções de coordenação, em que se considera em geral que há uma simetria de configuração. Essa simetria pode ser considerada essencial em muitas construções elípticas envolvendo nomes.

Em português, casos como os seguintes são incluídos na EN:

(5) *A remodelação da casa da Maria* foi mais rápida do que a [-] do João.

(6) Os *livros que nós comprámos* que nos foram necessários e os [-] que nos foram desnecessários devem ser mais ou menos os mesmos.

(7) O *colar cor de rosa* e o [-] verde venderam-se num instante.

2.2.2 – Estatuto categorial da Elipse Nominal

A EN é tratada pela generalidade dos autores como sendo uma categoria vazia *pro* (cf. Lobeck (1995), Sleeman (1996), Kester & Sleeman (2002)).

Para Lobeck (1995), a categoria vazia característica da elipse partilha propriedades com *pro*. Ambos estão sujeitos a princípios de legitimação e identificação. De acordo com Lobeck (1995), tal como os pronomes, a elipse pode prescindir de antecedentes sintácticos, podendo ter apenas antecedentes pragmáticos ou discursivos. Na proposta de Lobeck, a elipse é assim um pronome vazio engendrado na base, e a sua identificação depende de determinadas condições de reconstrução lógica. Lobeck não dá conta apenas das categorias vazias identificadas no ECP (Princípio da Categoria Vazia), mas também dos pronomes vazios resultantes de construções elípticas. A autora sugere que as categorias elípticas sejam legitimadas e identificadas segundo as condições seguintes:

(8) Legitimação e identificação de *pro*

Um pronominal vazio não arbitrário deve ser estritamente regido por núcleo, e regido por um X^0 especificado por traços fortes.

Sleeman (1996) apresenta um estudo sobre a elipse dos nomes em francês. A autora segue um outro trabalho sobre a elipse, que propõe que a elipse de nomes envolve uma categoria vazia SN *pro* que tem de ser identificada e licenciada. Sleeman propõe que o licenciamento da categoria vazia SN é feito através da concordância entre um elemento lexical em posição de especificador e uma cabeça vazia, sendo neste caso o X^0 a licenciar a categoria *pro*. Tendo em vista a distribuição dos pronomes pessoais e outros em francês, Sleeman (1996) propõe que os pronomes são na realidade SD's que dominam SN *pro* em que ou a posição D ou o seu especificador estão preenchidos. A autora assume que demonstrativos, possessivos ou quantificadores, entre outros, são pronomes gerados em posição de especificador da projecção funcional de SN. Por estes pronomes serem partitivos, se o conteúdo de SD for específico, a elipse é gramatical e *pro* é licenciado e identificado.

Kester & Sleeman (2002) observaram que a elipse do nome não é possível se o nome nulo for regido pelo artigo definido e se for modificado pelo SP encabeçado por outra preposição que não seja *de*. As autoras analisam o SP como o predicado de uma oração relativa. O *pro* é gerado na posição de especificador do SP e move-se para a posição de especificador de SC. Kester & Sleeman põem a hipótese de que *pro* tenha de verificar os traços com o núcleo funcional mais alto do predicado. Depois de analisarem alguns casos relevantes, as autoras concluem que *pro* tem de entrar nessa relação de verificação para que exista uma ligação entre o determinante e o predicado, que torna possível o licenciamento do *pro*.

2.2.3 – Algumas propostas sobre a Elipse Nominal

Na Teoria da Regência e Ligação (TRL) é assumido que, no caso das categorias vazias, deve distinguir-se entre legitimação formal, verificada por regência, e identificação, verificada por uma cadeia de co-indexação.

Existem várias propostas para o tratamento da EN para diferentes línguas (cf. Lobeck (1995), Kester (1996), Sleeman (1996), Kester & Sleeman (2002)). Uma das hipóteses é a de que as construções elípticas ou categorias vazias sejam legitimadas por uma relação de concordância com um núcleo funcional.

Lobeck (1995) propõe que as categorias elípticas, como os pronomes vazios e as elipses, devem ser identificadas por concordância com um constituinte

caracterizado por traços fortes. Ambas as categorias estão identificadas por um antecedente, mas os pronomes são referenciais - são idênticos em referência ao seu antecedente - e denotam indivíduos, ao passo que as elipses não têm capacidade de referência, e têm de procurar o conteúdo no seu referente. Este conteúdo é recuperado com base numa relação de identidade chamada reconstrução. Lobeck assume que a elipse só é legitimada e identificada por núcleos funcionais marcados por Concordância Forte, e que as elipses estão sujeitas às mesmas condições de identificação que os pronomes referenciais vazios. Segundo o princípio (9), os traços nominais fortes de concordância permitem a identificação de *pro* não arbitrário.

(9) Legitimação e identificação de *pro*

Um pronome vazio não arbitrário deve ser estritamente regido por um núcleo, e regido por um X^0 marcado por Concordância Forte.

Também para Kester (1996) existe no DP uma categoria funcional cujo núcleo está numa relação de Concordância Núcleo-Núcleo com o núcleo N. A proposta de Kester para a hipótese de DP baseia-se na distinção entre categorias lexicais e funcionais. Para Kester, o traço de número é um dos traços codificados em sintaxe a nível de núcleos funcionais que dominam N, e não deve ser individualizado. A autora põe de lado a hipótese de que o traço de número determine a existência de uma categoria funcional NumP, associada à posição de N proposta por outros autores. Kester (1996) distingue acordo de concordância. Dois elementos A e B estão numa relação de acordo se tiverem pelo menos um traço em comum, e se concordarem obrigatoriamente. A controla o acordo e B é o alvo do acordo. No que diz respeito à concordância, nas línguas românicas, os nomes são marcados em número, por morfologia flexional, e em género, por inerência lexical ou por morfologia flexional. Nas outras línguas, os paradigmas de concordância são variáveis.

Em Sleeman (1996), a autora propõe que o licenciamento da categoria vazia SN é feito através da concordância entre um elemento lexical em posição de especificador e uma cabeça vazia, sendo neste caso o X^0 a licenciar a categoria *pro*. Sleeman defende que, em francês, a categoria vazia SD não é licenciada nem identificada por concordância morfológica, mas sim licenciada pelo traço semântico [+partitivo] e identificada por um antecedente específico ligado ao discurso. Após a análise de outras línguas, Sleeman argumenta que, para as Línguas Românicas e para

o inglês, a elipse do nome não é licenciada por flexão adjectival, ao passo que para o alemão e Línguas Escandinavas a categoria vazia SN é licenciada e identificada por flexão adjectival, existindo duas estratégias para esta identificação e legitimação. A primeira envolve traços semânticos e a segunda traços de concordância morfológica.

Mais tarde, em Kester & Sleeman (2002), as autoras realizaram um estudo para o espanhol partindo dos princípios teóricos seguintes: (i) em espanhol, apesar da morfologia “rica” que existe, o artigo definido isoladamente não é suficiente para legitimar os nomes nulos - é necessário um modificador para a recuperação dos traços; (ii) a categoria vazia resultante da elipse é legitimada na posição de especificador numa projecção funcional.

Em síntese, no espanhol a EN está atestada em SDs encabeçados por artigos definidos quando o nome elíptico é modificado por um adjectivo, por um modificador introduzido por *de*, ou por uma oração relativa introduzida por *que*. Estas restrições apenas se aplicam aos artigos definidos. Se o determinante presente for um demonstrativo, pronome, numeral ou um quantificador, a EN é possível sem qualquer tipo de limitações.

De acordo com Torrego (1988), os demonstrativos e os quantificadores são suficientemente “ricos” semanticamente para legitimarem a EN, possuindo os traços necessários de pessoa, género e número. Pelo contrário, o artigo definido é um determinante “fraco”, que necessita de outros elementos com traços de pessoa para poder legitimar a EN. Estes traços de pessoa são caracterizados por serem categorias [+N].

(10) Torrego (1988)

A EN em espanhol é legitimada por um artigo definido quando suportado por categorias [+N] com traços de pessoa como: um modificador *de*, o complementador *que* em orações relativas ou por um adjectivo.

Kester & Sleeman (2002) concordam com a existência da necessidade de um modificador em construções com o artigo definido para a legitimação da EN, apesar de não assumirem que esses modificadores pertençam a categorias [+N] especificadas

para traços de pessoa. Põem a hipótese de que o artigo definido é um elemento “fraco” semanticamente, podendo mesmo funcionar como um pronome.

Baseando-se na Hipótese da Antissimetria de Kayne (1994), as autoras assumem a hipótese de a legitimação da EN resultar de uma relação de verificação com a cabeça funcional numa configuração sintáctica específica.

Kester & Sleeman (2002) observam que a elipse do nome não é possível se o nome nulo for regido pelo artigo definido e se for modificado pelo SP encabeçado por outra preposição que não seja *de*. As autoras analisam o SP como o predicado de uma oração relativa. O *pro* é gerado na posição de especificador do SP e move-se para a posição de especificador de SC. Kester & Sleeman põem a hipótese de que *pro* tenha de verificar os traços com o núcleo funcional mais alto do predicado. Depois de analisarem alguns casos relevantes, as autoras concluem que *pro* tem de entrar nessa relação de verificação para que exista uma ligação entre o determinante e o predicado, que torna possível o licenciamento do *pro*.

Após a análise de alguns contrastes de gramaticalidade, as autoras formulam as condições de licenciamento para a elipse do nome com o artigo definido em espanhol: a elipse de nomes é licenciada num constituinte oracional que é seleccionado por um artigo definido, se o nome elidido está numa posição de especificador da derivação, entrando numa relação de verificação com a cabeça funcional mais alta dentro do constituinte.

2.3 – Condições de Identificação e Legitimação de EN em PE

Introduzida por Chomsky (1986), a relação estrutural de Concordância Especificador-Núcleo corresponde a uma relação de acordo entre o núcleo e o especificador da oração.

Mais tarde, no Programa Minimalista, Chomsky generaliza esta noção alargando-a a outras categorias funcionais. Essa generalização implica o aparecimento de uma projecção funcional para cada traço específico. A verificação desse traço é feita por uma relação do tipo Núcleo-Núcleo ou Especificador-Núcleo.

(11) A Maria tem o *copo* amarelo e a Joana tem o (-) azul.

Parece que tanto o adjetivo *azul* como o artigo *o* legitimam por Concordância Especificador-Núcleo o seu argumento vazio *pro*: quer os traços semânticos do adjetivo quer os traços morfológicos do artigo devem ser verificados pelo núcleo nulo *pro*, de modo a que este seja legitimado e identificado.

Assim, de acordo com Matos (2003: 912): “O *artigo definido* destaca-se das restantes categorias funcionais por apresentar um comportamento específico: isoladamente não pode recuperar o SN elíptico, embora o possa fazer na presença de outras categorias funcionais ou de complementos e adjuntos”.

Segundo Martinho (1998), este tipo de construção elíptica é o mais diversificado em português, mas muito pobre ou inexistente em francês. Em português é muito restritivo, uma vez que a construção só é legitimada se um artigo definido for seguido de um complemento de tipo restritivo, oracional ou adjectival, ou de genitivo. Esta construção complexa mostra que, contrariamente aos casos com quantificadores, adjectivos e determinantes possessivos e demonstrativos, o elemento antecedente, neste caso o artigo definido, nunca pode só por si ser seguido de uma construção elíptica. Martinho (1998) acrescenta ainda que a construção elíptica com artigo definido está totalmente ausente em francês, independentemente dos complementos do nome vazio. Para os determinantes demonstrativos e possessivos, a estratégia do francês consiste em substituir a forma do artigo definido por uma forma pronominal alternativa. Veja-se os exemplos de Martinho (1998):

(12) a. *Todos os estudantes assistiram ao filme porque os [-] estavam interessados.

b. Todos os estudantes assistiram ao filme mas alguns /vários/ quatro [-] não estavam interessados.

c. *Quelques étudiants de physique étaient absents, mais tous les [-] de chimie étaient présents.

O artigo indefinido apresenta um comportamento diferente do artigo definido. Em construções em que o artigo indefinido aparece isoladamente, é possível recuperar o elemento omitido, sendo menos restritivo à ocorrência de EN em português.

(13) a. A Maria comeu um bolo e a Joana também comeu um [-].

b. *A Maria comeu o bolo e a Joana também comeu o [-].

O material lexical existente dentro do sintagma determinante (SD) pode ser de natureza diversa: (i) pode ser um artigo definido ou indefinido seguido do pronome relativo “que”, com função de sujeito ou de complemento directo; (ii) um pronome possessivo ou pronome demonstrativo; (iii) numerais; (iv) quantificadores; (v) adjectivos ou ainda um sintagma preposicional.

(14) a. *Os *CD's* que já comprei juntamente com os [-] não cabem nesta prateleira.

b. Os *CD's* que já comprei juntamente com os teus [-] não cabem nesta prateleira.

(15) A *encomenda* dos *CD's* foi feita no mesmo dia que a [-] dos *filmes*.

(16) Os *CD's* velhos juntamente com os [-] *novos* não cabem nesta prateleira.

(17) Os *CD's* que já comprei e os [-] que queria comprar não cabem nesta prateleira.

Existe, porém, um caso específico, em português, em que o artigo definido não tem de estar presente para que possa ocorrer a EN. É o caso dos “bare plurals”, como se vê nos exemplos seguintes:

(18) Eu comprei sapatos azuis e ele comprou [-] pretos.

(19) Eu comprei peixe de viveiro e ele comprou [-] de mar.

Segundo Brucart (1999), em espanhol, a elipse do núcleo nominal só é possível se o determinante da projecção sintáctica aparecer foneticamente realizado.

(20) a. Aquella novela de Vargas Llosa retrata magistralmente la irracionalidad humana.

b. La de Vargas Llosa retrata magistralmente la irracionalidad humana.

c. * La retrata magistralmente la irracionalidad humana.

Esta obrigatoriedade está relacionada com o valor referencial que têm essas entidades. No caso de o determinante que acompanha o núcleo nominal ser o artigo definido, a presença do complemento é obrigatória.

No que diz respeito às orações relativas, a elipse nominal é totalmente gramatical quando o artigo definido é seguido pela relativa, introduzida pelo complementador *que*, como em (17). O complementador *que* é usado quando o elemento relativizado corresponde ao sujeito ou ao objecto directo da oração relativa. Pelo contrário, se o elemento relativo *que* estiver dentro do sintagma preposicional (SP), a frase torna-se agramatical, veja-se:

(21) * A casa em que vive o teu irmão e a [-] em que vivem os teus pais.

Porém, nos casos em que é inserido um adjectivo ou um modificador introduzido por *de*, a elipse nominal torna-se gramatical:

(22) a. A casa branca em que vive o teu irmão e a [-] grande em que vivem os teus pais.

b. A casa da praia em que vive o teu irmão e a [-] do campo em que vivem os teus pais.

Verifica-se, então que a preposição *de* legitima a elipse nominal ao contrário de outras preposições, veja-se os exemplos (21)-(23). Também as preposição *a*, com e sem funcionam como legitimador de EN em português, como acontece em (26).

(23) O livro *do* João e o [-] *da* Maria são diferentes.

(24) * O presente para o João e o [-] para a Maria são diferentes.

(25) * A pessoa por trás de mim e a [-] por trás de ti são diferentes.

(26) Eles só têm fotografias a cores porque ela se recusa a tirar [-] a preto e branco.

Os adjectivos funcionam como legitimadores de elipse nominal, desde que o sintagma determinante onde estão inseridos implique alguma forma de coordenação com outro sintagma determinante, que de alguma maneira contribui para recuperar a informação ausente no segundo termo da construção. Segundo Martinho (1998), estas entidades ou propriedades devem, no entanto, ser contextualmente discretas e

discriminativas, incluem conceitos como a cor, o tamanho, a idade, o valor, etc. Os adjectivos que referem esses conceitos são geralmente lógicos e simetricamente ordenados. Segundo Martinho (1998), “a identificação da elipse por um antecedente específico implica geralmente simetria estrutural entre as duas expressões nominais. Os dois adjectivos devem ainda evidenciar entre si uma relação de natureza semântica”. Deve haver, por isso, uma forma de paralelismo entre o especificador que autoriza a elipse do nome e o especificador que acompanha o antecedente contextual.

(27) O *concorrente* vencedor e o [-] derrotado cumprimentaram-se.

(28) As *estrelas* próximas e as [-] longínquas.

O mesmo se passa tanto no espanhol (Kester & Sleeman 2002) como no francês (Martinho 1998), em que os adjectivos envolvidos em estruturas elípticas devem expressar uma propriedade discreta.

(29) a. El libro *aburrido* que leyó Jaime y el [-] *interesante* con que soñaste anoche.

b. Compré la falda *negra* y la [-] *amarilla*.

c. Las incursiones *aéreas* e las [-] *terrestres*.

d. Les téléphones *fixes* et les [-] *portables*.

Martinho (1998) acrescenta ainda que os adjectivos transitivos não permitem a elipse do nome com artigo definido. Contudo, essa elipse é melhorada com um indefinido, ou com o uso de um adjectivo sem complemento, comportando-se neste caso como um adjectivo intransitivo. Em português e em francês, os adjectivos associados à ausência do nome realizam os traços [\pm plural] e [\pm masc].

Existem outras projecções funcionais com especificadores que permitem a elipse nominal, como os quantificadores, demonstrativos e possessivos. Segundo Martinho (1998), “a capacidade de estes elementos legitimarem a elipse nominal parece relacionada com a sua posição na estrutura, já que os especificadores funcionais antecedem sistematicamente os nomes elípticos.” O português é uma língua extremamente flexível em termos de elipse do nome com possessivos ou demonstrativos, o nome pode ser facilmente elidido quando introduzido por qualquer

um destes constituintes. Pelo contrário, o francês apresenta uma proibição constante da elipse do nome, permitindo apenas uma construção com forma pronominal forte que só corresponde parcialmente a uma construção elíptica.

Para Martinho, os quantificadores têm um papel de relevo na supressão do nome, quer sejam de quantificação universal, como *todos* ("tous") e *ambos*, quer sejam existenciais, como *alguns* ("quelques"), quer sejam discretos, como *vários* ("plusieurs"), *muitos* ("beaucoup"), ou os numerais, como *cinco* ("cinq") ou *quinto* ("cinquième"). Os quantificadores que admitem como complemento um nome lexicalmente nulo são também os que pressupõem uma relação de quantificação entre conjuntos, comprovada pelo traço [+partitivo].

(30) Os meus amigos estavam entusiasmados, mas alguns/ vários/ muitos/ dois [-] não tinham carro para ir.

(31) Embora tenha comprado estes [-] a Maria preferia aqueles livros.

(32) a. Comprei filmes caros ontem, mas os teus [-] são mais caros.

b. Comprei filmes caros ontem, mas os teus [-] são mais.

c. *Comprei filmes caros ontem, mas as tuas [-] são mais.

A elipse nominal tanto com possessivos como com demonstrativos em português é sistemática, ao passo que, segundo Martinho (1998), no francês a elipse com demonstrativos é quase inexistente e com possessivos só é possível com certos especificadores, pois em francês a elipse não é possível em núcleos. A capacidade legitimadora do possessivo em português não está relacionada com a sua morfologia, ou seja, com a realização de traços [+número] e [+género], ou a variação de pessoa. A legitimação dos nomes vazios por demonstrativos não parece estar relacionada com factores ligados à flexão de [+número] ou à pessoa. A variação do traço [+género] condiciona contudo crucialmente a supressão do nome.

Quando os sintagmas nominais são instanciados por meros plurais, os complementos e adjuntos do nome podem isoladamente legitimar a Elipse Nominal:

(33) Ela comprou livros de linguística e nós comprámos [-] de matemática.

(34) Eles só têm fotografias a cores porque ela se recusa a tirar [-] a preto e branco.

3 – A Aquisição das Construções com Elipse - a Elipse Nominal

Nesta parte, apresento uma revisão da literatura de trabalhos relacionados com a aquisição de construções com categorias vazias. Começo por apresentar uma breve descrição da hipótese de aquisição da linguagem de Chomsky (1981, 1986) e a teoria dos Princípios e Parâmetros. São incluídos, de seguida, trabalhos sobre diferentes tipos de estruturas elípticas ou categorias vazias que focam alguns aspectos importantes para a compreensão da aquisição da elipse nominal - aquisição de sujeito nulo, aquisição de objecto nulo e aquisição de elipse de SV. Numa terceira secção são apresentados alguns trabalhos que incidem especificamente sobre a aquisição de EN.

3.1 – A Aquisição da Linguagem e a Teoria de Princípios e Parâmetros

Baseado no pressuposto de que a linguagem é um sistema de conhecimento interiorizado na mente humana, Chomsky (1988) define como questões principais da investigação da Gramática Generativa as seguintes: (i) Qual é o conteúdo do sistema de conhecimento do falante de uma determinada língua particular? (ii) O que existe na mente deste falante que lhe permite produzir e compreender enunciados da sua língua? (iii) Como é que este sistema de conhecimentos se desenvolve? Que tipo de conhecimento traz a criança *a priori* que explique o processo de aquisição de uma língua e o seu desenvolvimento dessa língua? (iv) Que tipo de conhecimento é necessário pressupor que a criança possui para o processo de aquisição de uma língua particular para explicar o desenvolvimento dessa mesma língua?

Para Raposo (1992), uma das questões centrais da Gramática Generativa é a (iii), ou seja, o problema de saber como é que a gramática se desenvolve no falante, qual é o papel específico da mente humana neste processo.

Segundo a perspectiva em que Chomsky se insere, a mente humana desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem. As propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdos especificamente linguísticos. Estas estruturas mentais são exclusivas da espécie humana e são geneticamente determinadas. Nesta perspectiva, adquirir uma

língua é mais uma questão de maturação e de desenvolvimento de um “órgão” mental biológico do que uma questão de aprendizagem. A este conjunto de princípios e estruturas mentais, Chomsky chama *Mecanismos de Aquisição da Linguagem* (LAD), ou “Gramática Universal” (GU).

O modelo de Princípios e Parâmetros, proposto por Chomsky (1981), contém princípios invariáveis, que qualquer gramática final terá de incorporar, e parâmetros cujo valor final é variável consoante as línguas. Neste modelo, a aquisição da gramática final pela criança consiste na aprendizagem das formas lexicais, com as propriedades fonológicas, sintácticas e semânticas associadas, e na atribuição aos vários parâmetros da GU do valor que possuem nessa língua.

3.2 – A Aquisição de Estruturas Elípticas e Categorias Vazias - Revisão da Literatura

Nesta secção, são apresentados vários trabalhos sobre aquisição de estruturas elípticas ou categorias vazias, nomeadamente, aquisição de sujeito nulo, aquisição de objecto nulo e aquisição de elipse de SV. Por último, apresento dois estudos relacionados com o tema principal deste trabalho, a aquisição de elipse nominal.

A apresentação deste trabalhos sobre aquisição de estruturas elípticas ou categorias vazias tem como objectivo relacionar algumas questões comuns a vários destes processos: a) as categorias vazias ou elipses estão sujeitas a algum tipo de parametrização; b) a existência de alguma relação entre a morfologia e a legitimação de categorias vazias; c) a existência de condições de identificação para as categorias vazias ou elipses; d) a interpretação de categorias vazias ou elipses exige recuperação do seu conteúdo através de identidade com o antecedente.

3.2.1 – A Aquisição de Sujeito Nulo

Nesta secção, são apresentados, resumidamente, alguns estudos sobre a aquisição de sujeito nulo (Hyams (1986, 1994), Hyams & Wexler (1993)).

Para Hyams (1986), numa perspectiva inicial, e com base na hipótese da continuidade, as crianças possuem desde cedo todos os princípios disponíveis para realizar sujeitos nulos. Num estudo comparativo entre o inglês, o italiano e o alemão,

a autora conclui que todas as crianças omitem sujeitos independentemente das características da língua que constitui o *input*, e que podem ter o valor negativo para o parâmetro do sujeito nulo, como acontece no inglês e no alemão. Assim, Hyams (1986) assume que inicialmente este parâmetro tem um valor positivo não-marcado, ou seja, a possibilidade de omitir sujeitos. Nas crianças inglesas, o valor do parâmetro é alterado para negativo quando se dá a transição de uma gramática semelhante à do italiano para uma gramática própria do inglês.

Contudo, a autora, em trabalho posterior (cf. Hyams (1994)), com base na teoria de licenciamento e identificação de Rizzi (1986), considera que todos os argumentos nulos, sejam eles sujeitos ou objectos, têm de ser licenciados e identificados. O licenciamento seria considerado universal, variando apenas a posição em que este seria verificado. A identificação da categoria vazia seria feita por concordância rica, em línguas que permitem sujeitos nulos, e por um tópico discursivo em línguas com valor negativo para o parâmetro. Hyams considera que, em inglês, a omissão de sujeito é uma instância de queda de tópico.

Em Hyams & Wexler (1993), os autores defendem que línguas como o italiano são consideradas como línguas *pro-drop*, em que a ocorrência de sujeitos nulos é legitimada pelo sistema morfológico rico. Por outro lado, línguas como o inglês, que não apresentam um sistema morfológicamente rico que permita a identificação de uma categoria vazia sujeito, são consideradas línguas *topic-drop*. Assim, a criança italiana terá sempre disponível o sujeito nulo, uma vez que qualquer frase finita possui concordância. O mesmo não se verifica com a gramática da criança inglesa, em que nem todas as frases possuem um tópico considerado apropriado, logo nem sempre a hipótese de *topic-drop* estará disponível.

3.2.2 – A Aquisição de Objecto Nulo

No que diz respeito à aquisição de construções com objecto nulo existem dois trabalhos pertinentes que serão apresentados de seguida. O primeiro analisa a omissão de clíticos objecto no francês (Grueter (2006), “Object Clitics and Null Objects in the Acquisition of French”), e o segundo pretende testar se a gramática da criança portuguesa aceita construções de objecto nulo, com interpretação transitiva, em frases simples e em ilhas (Costa & Lobo (no prelo), “Omissão de Clíticos na Aquisição de Português Europeu: dados de compreensão”).

Grueter, na sua tese, investiga a omissão de clíticos objecto na aquisição de francês como língua materna.

Propondo uma adaptação da análise das construções de clíticos de Sportiche (1996) e tendo em consideração os requisitos impostos pela interface com os sistemas externos à língua, a autora propõe para pesquisas futuras a Hipótese de Traços Decadentes (Decayed Features Hypothesis), que atribui a omissão de clíticos objecto em francês a um domínio específico externo à língua, nomeadamente a capacidade de memória de trabalho.

A autora começa por apresentar uma visão alargada dos dados descritivos de clíticos objecto dos adultos e das crianças francesas. Devido à existência de vários tipos de clíticos e de diferentes comportamentos dos mesmos, restringiu-se aos clíticos objecto, mais especificamente os acusativos da 3ª pessoa, *le*, *la* e *les*.

Nos capítulos 5 e 6 Grueter apresenta os seus dois estudos. O primeiro é um estudo empírico para tentar encontrar soluções para alguns problemas relacionados com os objectos nulos e com os clíticos objecto no discurso das crianças francesas, e fornece dados de produção espontânea de crianças com idades compreendidas entre 2,6 e 4,5 anos. A autora diz que tanto clíticos objecto como omissões de objecto são encontrados no discurso das crianças, o que sugere a não existência de um estágio onde os clíticos objecto não estejam presentes. A autora refere ainda que a omissão de objectos continua a ocorrer até à idade dos 3 e 4 anos.

Em comparação com outros dois grupos, um de crianças inglesas e outro de crianças chinesas (in Wang et al. 1992), Grueter conclui que a taxa de omissão de objectos é mais elevada no grupo francês em relação ao grupo inglês, mas é mais baixa em relação ao grupo chinês. Estes resultados podem ser explicados quer pela representação do objecto nulo regulada pela gramática da criança quer pelo objectivo da construção do clítico objecto. (Muller & Hulk, 2001; Pérez-Leroux et al., 2005)

O segundo estudo é um estudo experimental, através de uma tarefa de juízo de valor de verdade, com o qual se pretende investigar se a gramática das crianças francesas permite objectos nulos referencias na ausência de um clítico objecto. Apesar de Grueter ter predito que as crianças francesas aceitariam mais vezes o objecto nulo

do que as crianças inglesas, os resultados provam que isso não acontece. Quer as crianças francesas quer as inglesas de 3 e 4 anos rejeitam consistentemente a interpretação que envolve objectos nulos (86% e 84% para as francesas e 90% para as inglesas). Para a autora, estes dados são inconsistentes com a hipótese de que a gramática das crianças francesas é regulada por uma representação de objecto nulo na GU. Acrescenta também que estes dados constituem um “contra-argumento” à proposta de Pérez-Leroux et al. (2005) e de Muller et al. (1996).

Grueter demonstra que, apesar de as crianças francesas omitirem clíticos acusativos, elas rejeitam a interpretação transitiva para verbos sem complemento. Em consequência, a autora conclui que, embora a gramática dos adultos franceses permita objectos nulos em diferentes contextos, a construção com omissão de clítico das crianças francesas não é consistente com uma análise de construção de objecto nulo, como antes referido. Devido à assimetria entre os dados da produção e da compreensão, a autora decide enveredar pela hipótese de que a omissão de clíticos se deve a factores externos à língua.

Para o português, Costa & Lobo (no prelo) apresentam um estudo onde se pretende testar se as crianças portuguesas aceitam uma interpretação transitiva em contextos em que o argumento interno não está realizado, quer em frases simples, quer em ilhas, i.e. pretende-se testar se a gramática da criança aceita a construção de objecto nulo nestes dois contextos.

Neste trabalho, os autores procuram verificar se os dados de compreensão são consistentes com a hipótese, feita a partir de dados de produção, de que a omissão de clíticos na aquisição do PE corresponde a uma sobre-generalização da construção de objecto nulo, e de que existe uma correlação entre a omissão de clíticos na aquisição do PE e a disponibilidade da construção de objecto nulo na língua-alvo.

Em Costa & Lobo (2007b), entre outros trabalhos, tem-se evidenciado que na aquisição do PE a omissão de clíticos é diferenciada entre clíticos. Segundo Costa & Lobo (no prelo) as taxas de omissão com clíticos de 3ª pessoa acusativo e dativo em frases simples são superiores às taxas de omissão de clíticos reflexos, às de clíticos acusativos e dativos de 1ª e 2ª pessoas e às de clíticos acusativos e dativos em ilhas.

As diferentes taxas de omissão parecem estar relacionadas com os contextos em que a construção de objecto nulo está disponível na gramática do adulto.

Os autores interpretam a omissão de clíticos na gramática da criança como uma instância de construção de objecto nulo.

O objectivo deste trabalho é saber se as crianças falantes do PE têm disponível a interpretação de objecto nulo em contextos acusativos de 3ª pessoa em frases simples e em ilhas fortes.

O teste aplicado é uma adaptação do teste realizado por Grueter (2006) para o francês e o inglês. Consiste numa tarefa de juízo de valor de verdade de uma frase dita por um fantoche, mediante a apresentação de imagens.

Os resultados obtidos pelas crianças são muito semelhantes aos do grupo de controlo, superiores a 80% de acerto, em todas as condições excepto na condição de objecto nulo em ilhas.

Com base nos resultados obtidos, Costa & Lobo (no prelo) concluem que : (i) as crianças dominam a (in)transitividade, rejeitando argumentos supérfluos e interpretando estruturas intransitivas como os adultos; (ii) as crianças interpretam os clíticos como os adultos; (iii) as crianças interpretam estruturas de objecto nulo em frases simples como os adultos; (iv) as crianças aceitam objectos nulos em ilhas, ao contrário do que acontece na gramática do adulto.

Costa & Lobo (no prelo) concluem também que as crianças portuguesas, ao contrário das francesas, têm conhecimento sobre a construção de objecto nulo, e que a especialização dos contextos em que a construção de objecto nulo é legítima é adquirida tardiamente. Assim sendo, os resultados são consistentes com a hipótese de que a omissão de clíticos em PE é um sobre-generalização da construção de objecto nulo.

Por último, comparando os resultados obtidos com os de Grueter (2006) para as crianças falantes de francês, Costa & Lobo (no prelo) põem a hipótese de que a omissão de clíticos na aquisição das línguas não é um fenómeno uniforme.

3.2.3 – A Aquisição de Elipse de VP

Santos (2006) trata o tema da aquisição da Elipse de SV em crianças falantes de PE. A autora apresenta evidências de que as crianças têm muito precocemente capacidade para produzir elipse de SV. Santos diz que estas evidências provêm da produção espontânea de elipse de SV em contexto de respostas verbais a perguntas sim-não de três crianças monolíngues falantes de PE. Assume ainda que devido à distribuição de elipse de SV em PE, em especial o facto de a elipse de SV ser licenciada por todos os verbos, e a sua co-existência com o objecto nulo, é impossível conceber que a aquisição de elipse de SV seja feita sem que exista algum conhecimento inato. Santos sugere que as crianças conseguem derivar a identificação de elipse de SV através de princípios inatos, que podem ser definidos com base no conceito de “givenness” de Merchant (2001). A autora assume este ponto de vista da identificação das condições de elipse, porque lhe permite manter a ideia de que tem de existir uma relação de identidade entre o antecedente e o elemento elidido.

Neste estudo, Santos apresenta novos dados de aquisição de elipse de SV em PE. É mostrado que as crianças entre 1,5 e 3 anos já produzem elipse de SV em perguntas-respostas sim-não. Isto mostra que as crianças se baseiam na morfo-sintaxe da sua língua muito cedo, argumentando que é evidente que existe precocemente uma capacidade de compreender a elipse.

Para além destes dados, Santos aplicou outro teste que permitiu avaliar as capacidades das crianças, quer em produção quer em compreensão, de contextos de perguntas-respostas rejeitadas por adultos, nomeadamente quando as perguntas têm estruturas clivadas ou o advérbio “só” em posição pré-verbal.

Após a análise dos dados, a autora argumenta que as crianças têm dois problemas na interpretação deste tipo de frases: as crianças não entendem que “só” e as clivadas introduzem uma proposição e não uma asserção; segundo, interpretam sempre “só” como estando associado ao objecto encaixado, mesmo em estruturas SVO em que “só” precede e está associado ao sujeito. Santos interpreta este último facto como uma evidência para dizer que as crianças precisam que o foco esteja numa posição determinada pela Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule* (Cinque, 1993)) e interpretam as frases com “só” como se este estivesse sempre associado a uma posição SX determinada pela Regra de Acento Nuclear, i.e. a posição mais

encaixada na oração. Santos chama esta interpretação como interpretação de foco por defeito (*default focus interpretation*).

Por último, para Santos, e seguindo a linha de Reinhart, o facto de as crianças mostrarem sensibilidade à NRS, e o facto de as crianças conseguirem produzir ESV, está de acordo com a ideia de que as crianças têm percepção de desacentuação anafórica e as regras relacionadas com a posição de acento e foco como independentes.

3.3 – A Aquisição de Elipse Nominal

A aquisição de construções com elipse nominal é o tema central deste trabalho. Por isso, são apresentados, de seguida, um trabalho sobre a compreensão da EN na aquisição (Wijnen, Roeper & Meulen (2004) “Discourse Binding: Does it Begin with Nominal Ellipsis?”) e dois trabalhos sobre a produção de elipse nominal na aquisição do espanhol (Snyder, Senghas & Inman (2001) “Agreement Morphology and the Acquisition of Noun-Drop in Spanish”) e do grego (Ntelitheos & Christodoulou (2005) “The Acquisition of Nominal Ellipsis in Greek”). Estes trabalhos relacionam a aquisição da elipse nominal com a morfologia de concordância da língua-alvo. No primeiro trabalho, os autores abordam a questão de como a sintaxe e a morfologia interagem durante a aquisição da linguagem, investigando em particular o fenómeno de elipse nominal (*N-drop*). No segundo, os autores investigam a relação entre a aquisição da elipse nominal e a aquisição do sistema de concordância no domínio nominal em grego.

3.3.1 – Compreensão de elipse nominal

Em Wijnen, Roeper & Meulen (2004), os autores incidem a sua investigação na compreensão da EN na aquisição da linguagem em crianças inglesas e neerlandesas. O estudo tenta demonstrar que as crianças mais novas conseguem ligar frases ao discurso e que, para isso, usam meios sintácticos.

Os autores partem do princípio de que a construção de estruturas com EN já está disponível nas crianças com menos de 2 anos, defendendo que as crianças conseguem interpretar a EN através de “integração” sintáctica, i.e., a identificação da informação da estrutura sintáctica no discurso (imediatamente) anterior.

Para a realização deste estudo, Wijnen, Roeper & Meulen aplicaram um teste de juízo de valor de verdade, onde apresentavam à criança uma história em imagens e encorajavam a criança a responder a perguntas relacionadas com a história e com a imagem. Os paradigmas utilizados nestes testes são baseados em Frazier et. al (2003) e têm como objectivo analisar contextos de EN, em inglês e em neerlandês, marcados por “bare cardinal”, sendo que em neerlandês, ao contrário do que acontece no inglês, estes contextos são marginais ou inaceitáveis.

Da análise dos resultados obtidos, os autores concluíram que quer as crianças inglesas quer as neerlandesas: (i) reconhecem a EN, (ii) sabem que a EN requer um discurso antecedente, e (iii) são capazes de reconstruir esse antecedente. Assim, Wijnen, Roeper & Meulen mostram que, tal como os adultos, as crianças usam o discurso linguístico anterior na interpretação da elipse nominal, não recorrendo apenas ao contexto situacional. Estas conclusões opõem-se claramente à hipótese de que as crianças com menos de 6 anos não conseguem interpretar a EN através de “integração” do discurso.

3.3.2 – Produção de elipse nominal e morfologia de concordância

Snyder, Senghas & Inman (2001) abordam a questão de como a sintaxe e a morfologia interagem durante a aquisição da linguagem, investigando em particular o fenómeno de elipse nominal (*N-drop*).

Os autores citam duas propostas relevantes para o tema. Começam por falar da proposta de Chomsky (1993) que propõe que a componente sintáctica da faculdade da linguagem humana é essencialmente invariável para as línguas naturais e que, numa língua particular, as diferenças sintácticas derivam de propriedades morfo-sintácticas abstractas de palavras individuais. Na proposta de Borer (1984), essas propriedades morfo-sintácticas estão directamente ligadas à morfologia flexional fonologicamente realizada. Esta proposta sugere que a aquisição da sintaxe pelas crianças está relacionada com a aprendizagem das características morfológicas da língua.

Para os autores, o fenómeno da elipse nominal proporciona um novo domínio em que se pode examinar a relação que existe entre a aquisição da sintaxe e a aquisição da concordância morfológica.

A questão fundamental deste estudo é saber se a disponibilidade da elipse nominal em espanhol, por oposição ao inglês, está directamente relacionada com o paradigma da concordância morfológica de determinantes e/ou adjectivos em espanhol.

Se a elipse nominal derivar directamente da morfologia, i.e. se a concordância rica em espanhol for necessária e suficiente para que haja elipse nominal, então todas as crianças que já tenham aprendido todo o sistema de concordância vão permitir elipse nominal. Se a concordância morfológica rica não for condição suficiente para que haja elipse nominal, e se em espanhol a elipse nominal depender de propriedades independentes da língua, então os autores prevêem que pelo menos algumas crianças adquiram a elipse nominal significativamente mais tarde que o sistema de concordância.

Para o estudo, os autores usaram dois *corpora* longitudinais de produção espontânea de duas crianças (Maria e Koki) com idades entre 1;7 e 4;0 anos.

Os autores concluíram que a disponibilidade de elipse nominal em espanhol não pode ser representada simplesmente como um conhecimento do paradigma da concordância morfológica. Uma das crianças mostra claramente ter conhecimento de todos os aspectos morfológicos relevantes do espanhol significativamente antes de adquirir a elipse nominal. No entanto, os resultados encontrados são compatíveis com algumas relações pouco claras entre a elipse nominal e a morfologia. Em Kester (1996) a autora distingue licenciamento e identificação de *pro* na elipse nominal. Se se adoptar esta distinção, então pode-se considerar uma análise para o espanhol onde o nome não-lexical pode ser identificado pela concordância morfológica, mas onde o licenciamento desta categoria vazia depende de propriedades abstractas e independentes.

Para o espanhol, os autores apenas encontraram duas ordens lógicas possíveis de aquisição da concordância morfológica e elipse nominal.

Na primeira hipótese, uma criança deve adquirir a componente abstracta do licenciamento da elipse nominal antes ou ao mesmo tempo que adquire o sistema de concordância morfológica - a componente de identificação. Neste caso, é esperado que existam casos de elipse nominal assim que a criança começa a produzir SDs com

marcas internas de concordância e adjectivos atributivos. Os dados obtidos no *corpus* de Maria são consistentes com este cenário.

Em alternativa, pode-se encontrar casos em que a criança adquire o sistema de concordância morfológica primeiro do que a componente abstracta do licenciamento de elipse nominal. Se a criança produzir SDs internamente marcados morfológicamente e adjectivos atributivos antes da componente de licenciamento ser adquirida, então existirá uma fase em que a criança produz SDs com nomes e evita a elipse nominal. Os dados de Koki são consistentes com este cenário.

Os autores concluem, assim, que a aquisição do paradigma de concordância não é condição necessária e suficiente para que haja elipse nominal.

Recentes investigações na aquisição de língua materna (L1) têm-se focado na importância da morfologia na aquisição de estruturas sintácticas. Uma das principais questões destas propostas é a relevância da aquisição total dos paradigmas morfológicos na aquisição da sintaxe da língua. Um forte modelo morfológico assumiria que a aquisição das estruturas sintácticas está directamente relacionada com a aquisição total dos paradigmas morfológicos na mesma língua. Por outro lado, outros defendem que a aquisição da sintaxe é despoletada por traços abstractos associados a categorias funcionais e não por elementos morfológicos.

Segundo Ntelitheos & Christodoulou, uma das áreas onde esta interface entre a sintaxe e a morfologia tem sido investigada com mais detalhe é a aquisição do sujeito nulo. Nas línguas Românicas, como o Italiano e o Espanhol, o sujeito nulo tem sido relacionado com a “riqueza” do paradigma morfológico do verbo finito. No entanto, quando se analisam outras línguas, não podemos concluir que o parâmetro do sujeito nulo está relacionado com a “riqueza morfológica” dessa língua, como é o caso do Chinês, que, apesar de não ter concordância, permite sujeito nulo, e também o caso do Alemão, que, apesar de ser uma língua morfológicamente rica, não permite sujeito nulo.

Então, se existe uma forte correlação entre a aquisição do paradigma morfológico do verbo finito e a produção do sujeito nulo seria de esperar que as crianças italianas produzissem sujeitos nulos imediatamente a seguir a aprender a

morfologia do verbo. O problema reside em que as crianças parecem adquirir o paradigma da concordância muito cedo na aquisição da L1 dificultando assim a determinação do estado da aquisição (Hyams 1986). Para além disso, os sujeitos são omitidos por crianças que estão a adquirir línguas que não permitem sujeitos nulos, como por exemplo o Inglês. Parece, então, que a omissão do sujeito nulo não é uma área em que haja uma correlação clara entre a aquisição da morfologia e da sintaxe.

Segundo os autores, a Elipse Nominal (EN) é um domínio que parece mais promissor neste campo. A EN refere-se a estruturas sintáticas nas quais o núcleo do sintagma nominal pode ser omitido.

- (35) a. John calls on these students because he is irritated with those [-].
b. John's wine was good but Bill's [-] was even better.

Também aqui, algumas abordagens associaram a elipse nominal à riqueza da concordância morfológica no domínio nominal (Lobeck 1995, Kester 1996). Como se pode ver no exemplo (35a), a concordância, em número e pessoa, entre o demonstrativo “those” e o nome omitido “students” legitima a elipse nominal. O mesmo acontece em (35b) com o possessivo “s”. Nas línguas onde não existe concordância morfológica notória, a elipse nominal não é possível. É o caso por exemplo do Inglês com os adjectivos e os demonstrativos no singular.

- (36) a. * Mary wore the blue dress and Jane wore the green [-].
b. * Although John doesn't like that air conditioner that he bought at Sears, he likes this [-] that Mary got at K-Mart.

Esta abordagem indica uma possível área de correlação entre a aquisição do paradigma da morfologia rica e a aquisição dos processos sintáticos. Se a morfologia rica legitima a elipse nominal, então será de esperar que esta não se manifeste nas crianças antes de a concordância morfológica no domínio nominal estar completamente desenvolvida.

É com base nestes pressupostos e hipóteses teóricas que Ntelitheos & Christodoulou (2005) realizam o seu estudo. Os autores investigam a relação entre a

aquisição da elipse nominal e a aquisição do sistema de concordância no domínio nominal em grego.

Segundo os autores, o grego é uma língua que tem uma morfologia “rica” no domínio nominal. Nesta língua, um simples morfema pode transmitir o traço de género e número. Todos os modificadores pré-nominais, incluindo os determinantes, os numerais, os demonstrativos e os adjectivos, concordam com o nome em género, número e caso. A EN pode ocorrer depois de numerais, quantificadores, adjectivos, possessivos, mas não com determinantes. Para os autores, seria esperado, portanto, que as construções com EN fossem um processo muito produtivo na gramática do adulto em grego.

Para a primeira parte, relacionada com a concordância nominal no discurso das crianças gregas, as conclusões são claras: a percentagem de casos onde existe concordância entre o determinante e o nome é de 10%, e as crianças de idade entre 1,9 e 1,11 anos, produzem um número limitado de determinantes não-marcados que, no geral, concordam em número e género com o núcleo do SN, mas não apresentam concordância de caso. Os autores assumem que, pelo menos no que diz respeito ao determinante, a concordância nominal ainda está longe de ser aprendida por estas crianças.

Analisando agora os modificadores pré-nominais, os autores argumentam que, nesta idade, as crianças produzem SNs complexos com diferentes modificadores pré-nominais: quantificadores, numerais, adjectivos reflexos, adjectivos possessivos e demonstrativos. Verificam que os demonstrativos são o tipo de modificador mais produtivo, usados na maioria dos casos como dêicticos. As crianças produzem alguns adjectivos, e alguns adjectivos possessivos e reflexos, e apenas um número muito limitado de numerais, palavras Qu-, e quantificadores universais.

Para os autores, as crianças com esta idade estão no primeiro estágio de aquisição do processo de concordância no domínio nominal em grego.

Na secção seguinte, os autores investigam a produção de estruturas com EN, e mostram que as crianças gregas, ao que parece, usam a EN com mais produtividade do que os adultos, mesmo sem terem o sistema da concordância completo. Parece que as crianças produzem construções elípticas em cada 8% dos seus SNs. Produzem EN

em número quase igual aos adultos. A EN aparece em contextos com adjetivos, quantificadores e possessivos. Os autores acrescentam que a EN está presente no discurso de uma maneira positiva muito cedo nas crianças gregas.

Para Ntelitheos & Christodoulou (2005), é claro que esta investigação contraria hipóteses anteriores que defendem que a concordância morfológica “rica” no domínio nominal é um pré-requisito para a legitimação de EN. Como os autores mostram, o discurso das crianças gregas com esta idade é composto por SNs que contêm núcleos nominais e modificadores que concordam com casos não-marcados, evidenciando que as crianças ainda não aprenderam o paradigma da concordância nominal por completo, ou que estão no primeiro estágio de aprendizagem. Por esta razão, a hipótese de a EN ser legitimada por uma concordância morfológica “rica” no domínio nominal não pode ser mantida. Para completar estas conclusões, os autores acrescentam que as crianças parecem produzir EN com concordância incorrecta entre o nome elidido e o modificador presente. Os autores vêem isto como uma indicação de que a concordância morfológica no domínio nominal não é um legitimador de EN, mas um pré-requisito para a identificação do núcleo nominal elidido.

4. Aquisição de Estruturas com Elipse Nominal: um estudo experimental.

Nesta parte do trabalho, é apresentado o estudo experimental que realizei para esta tese, que incide em questões relativas quer à produção quer à compreensão de elipse nominal por crianças em fase de aquisição do PE. Este capítulo está dividido em quatro partes. A primeira parte é preenchida pelo enquadramento (§4.1), seguindo-se a caracterização da amostra utilizada na realização destes testes (§4.2). Apresento, primeiramente, uma secção dedicada ao teste de produção (§4.3) e uma segunda secção dedicada aos testes de compreensão (§4.4). Em cada uma delas, são apresentados os testes aplicados, nomeadamente, a metodologia, as condições testadas e a sua justificação, a apresentação e análise dos dados recolhidos e a discussão.

4.1- Enquadramento

Como já foi referido anteriormente, a aquisição da EN é um processo pouco estudado, não só no PE como noutras línguas naturais. Tendo em conta a escassez de conhecimento nesta área, pretende-se com este trabalho contribuir para o conhecimento da aquisição da EN, quer no que diz respeito à produção, quer à compreensão.

Algumas das questões teóricas mais gerais directamente relacionadas com a aquisição da EN são as seguintes: i) Estando a elipse nominal sujeita a parametrização, qual a idade em que a criança fixa os valores relevantes do parâmetro? ii) Que evidência permite à criança saber que a sua língua permite elipse nominal e em que contextos? iii) Será a gramática das crianças semelhante à dos adultos neste ponto ou é mais permissiva? iv) Estarão os mecanismos de identificação e de legitimação de elipse nominal activos desde cedo ou só são adquiridos tardiamente? v) A identificação da elipse obedece a requisitos gramaticais ou pragmáticos?

Como foi referido no capítulo anterior, vários trabalhos sobre a aquisição da elipse nominal considerando dados de produção espontânea foram já feitos para outras línguas (cf. Snyder, Senghas & Inman (2001), Ntelitheos & Christodoulou

(2005)¹). Esses trabalhos tinham fundamentalmente como objectivo responder à seguinte questão: De que modo é que as componentes morfológica e sintáctica interagem na aquisição de elipse nominal, i.e. que relação existe entre a legitimação de elipse nominal e o domínio do paradigma morfológico interno ao sintagma determinante?

Segundo alguns autores (cf. Snyder, Senghas & Inman (2001), Ntelitheos & Christodoulou (2005)), a aquisição do paradigma de concordância não é condição necessária e suficiente para que haja elipse nominal, i.e., a concordância morfológica no domínio nominal não é um legitimador de EN, mas um pré-requisito para a identificação do núcleo nominal elidido. Valois, Royle & Sutton 2008 defendem, com base em dados de produção espontânea de crianças francesas, que o elemento relevante para a legitimação e aquisição de elipse nominal é a morfologia de número no determinante e não a concordância no domínio nominal em geral.

Estes trabalhos têm, no entanto, um problema. O facto de não haver domínio dos paradigmas morfológicos ao nível da produção não significa necessariamente que não haja domínio ao nível da compreensão, como mostram Loureiro (2006) e Costa e Loureiro (2006). De facto, os trabalhos de Name & Corrêa (2001), Castro (2007) e Castro & Ferrari-Neto (2007) mostram que as crianças falantes de português compreendem desde cedo a morfologia de número no DP. Ora, se a gramática das crianças já tem as especificações morfológicas relevantes, poderá eventualmente legitimar elipse nominal, mesmo que a criança não pareça dominar todo o paradigma morfológico nominal ao nível da produção. Para além disso, a produção de elipse exige também que a criança domine a omissão como uma estratégia mais económica em contextos de redundância, o que é independente da sua legitimação ou não por factores morfológicos.

Os dados de produção espontânea relativos a outras línguas – espanhol, grego e francês – (cf. Snyder, Senghas & Inilan (2001), Ntelitheos & Christodoulou (2005) e Valois, Royle & Sutton (2008)) mostram que as crianças por volta dos 2 anos produzem elipse nominal. Como não dispomos para o PE de dados comparáveis aos

¹ Por ter tido conhecimento de Valois, Royle & Sutton (2008) e Valois, Royle, Bourdua-Roy & Sutton (no prelo) já numa fase final desta dissertação, não foi possível integrar estes trabalhos na revisão da literatura.

de outras línguas, foi realizado um teste de produção elicitada, que tinha fundamentalmente como objectivo verificar se a gramática das crianças nas faixas etárias consideradas no estudo admite elipse nominal. Para além disso, tendo em conta que os trabalhos realizados para outras línguas baseados em dados de produção espontânea procuravam verificar se haveria uma relação entre a morfologia no DP e a legitimação de elipse nominal, observou-se também se, nas produções elicitadas das crianças, havia algum problema no domínio da morfologia nominal.²

Relativamente à compreensão, tem havido vários trabalhos sobre a compreensão de categorias vazias ou elípticas, tais como a construção de objecto nulo (cf. Costa e Lobo, no prelo) e a elipse de VP (cf. Santos 2006).

Em relação à compreensão da elipse nominal em particular, a principal questão que se coloca é saber como é feita a recuperação do conteúdo da categoria elidida. Wijnen, Roeper & Meulen (2004) mostram que crianças com 4 anos reconhecem a EN e sabem que esta requer um discurso antecedente, conseguindo reconstruir esse mesmo antecedente.

Com o intuito de perceber como é feita a interpretação da EN na aquisição do PE, realizei dois testes de compreensão. Os testes tinham fundamentalmente como objectivo responder às seguintes questões: i) Será que a criança interpreta a elipse nominal como o adulto? ii) Que mecanismos permitem que a criança recupere o conteúdo da elipse nominal? iii) O conteúdo da elipse nominal é determinado deicticamente, baseando-se no contexto pragmático, ou é sensível à presença de um antecedente linguístico? iv) Admitindo que a elipse nominal corresponde a um pronominal nulo - *pro* -, de que forma é feita a sua interpretação?

Na tentativa de responder a algumas das questões acima mencionadas, foram elaborados dois testes de compreensão com metodologias distintas.

² Embora não existam dados comparáveis para o português, com base numa consulta rápida a dados de produção espontânea (cf. *Corpus LumaLiDaOn*), verificamos que as crianças portuguesas com 2 anos já produzem construções com elipse nominal nos contextos relevantes.

Os testes aplicados tinham como objectivo verificar se a interpretação da elipse nominal pelas crianças está sujeita ao mesmo tipo de restrições do que a gramática do adulto, exigindo que o conteúdo da elipse nominal seja recuperado com base no contexto linguístico anterior ou se, pelo contrário, admite que o conteúdo da elipse nominal seja recuperado contextualmente. Se a elipse nominal corresponder a uma estrutura elíptica canónica, tal como a elipse de SV, espera-se que obedeça aos mesmos requisitos de identificação sob identidade com um antecedente (cf. Santos 2006). Se, pelo contrário, a categoria vazia correspondente à elipse nominal for um pronome nulo, como defende a generalidade dos autores (cf. § 2. desta tese), a criança terá de aprender quais as condições que regulam a interpretação desse pronome. Wijnen, Roeper & Meulen (2004) mostram que, tal como os adultos, as crianças usam o discurso linguístico anterior na interpretação da elipse nominal, não recorrendo apenas ao contexto situacional, contrariando trabalhos anteriores que defendiam que a integração discursiva era feita tardiamente pelas crianças (cf. Karmiloff-Smith (1980)), que se baseariam inicialmente em interpretações dêicticas e não anafóricas.

Assim, a aquisição da elipse nominal coloca questões interessantes quer ao nível da produção, quer da compreensão.

4.2 – Caracterização da amostra

Os testes foram aplicados a crianças na fase de aquisição de PE como língua materna que frequentavam o Externato Diocesano D. Manuel de Mello ou o Colégio Flor da Linha, ambos na zona da grande Lisboa.

No teste de compreensão com tarefa de avaliação de valor de verdade participaram 33 crianças com idades compreendidas entre 3,6 e 6,4 anos, com média de idades de 4,5. Foram excluídas 4 crianças por não conseguirem realizar a tarefa proposta, manifestando o já referido, efeito “yes bias”, respondendo afirmativamente a todas as condições, incluindo as de controlo falsas. Para a realização deste teste não existiam crianças com 2 anos disponíveis. Por isso, iniciou-se a aplicação nas crianças de 3 anos. Relativamente aos outros dois testes, a idade de aplicação começa nos 2 anos, o que nos fornece dados comparáveis com trabalhos já existentes sobre EN, em espanhol e em grego. Os testes de produção elicitada e de compreensão com

metodologia “act-out” foram aplicados a 30 crianças com idades compreendidas entre 2;2 e 4;11 anos. Para o grupo de controlo foram testados 6 adultos com e sem formação académica.

4.3 – Aplicação do teste de Produção Elicitada

4.3.1. – Metodologia

A produção elicitada é uma técnica experimental usada para avaliar a gramática das crianças utilizando para isso a produção de certas estruturas de frases.

Uma das vantagens deste teste é que não obriga as crianças a decidirem entre certo ou errado, como acontece geralmente nas tarefas de compreensão. Os dados da produção elicitada podem ser considerados reflexos “directos” da gramática das crianças. A constante presença de um tipo particular de frases no discurso da criança é uma forte evidência de que estas frases são geradas pela sua própria gramática.

Nos testes de produção elicitada é importante que a criança se sinta confortável para participar activamente no “jogo” que lhe é apresentado. Neste teste, é utilizado um fantoche para facilitar a interacção da criança durante o teste. A existência do fantoche facilita a tarefa do investigador, na medida em que para a criança é mais fácil interagir com um fantoche do que com um adulto.

A situação experimental, que visava levar a criança a produzir sintagmas com elipse nominal, consistiu numa representação de um contexto linguístico previamente descrito (ex. *As cabras castanhas estão de pé e as cabras cinzentas estão deitadas*). A cada representação, seguiam-se duas perguntas sobre a situação representada. Pedia-se à criança que respondesse a uma primeira pergunta (*Que cabras é que estão de pé?*) e após a sua resposta pedia-se que respondesse a uma segunda pergunta (*Que cabras é que estão deitadas?*), direccionando-se para o fantoche, que estava distraído. A resposta esperada para ambas as questões é, preferencialmente, uma expressão que contenha EN (ex. *As [-] castanhas e As [-] cinzentas*). Contudo, dado que a EN não é um processo obrigatório em português, não podemos esperar obter resultados de 100%, sendo possível também a produção do sintagma com nome realizado.

O teste, que procurava testar se as crianças portuguesas produzem elipse nominal em contextos relevantes, pretendia induzir a produção de elipse nominal em diferentes contextos sintácticos: (1) estruturas com elipse nominal com adjectivos, no masculino e no feminino e no singular e no plural, e (2) estruturas com elipse nominal com SP no masculino e no feminino e no singular.

Para a realização deste teste foram testadas as condições seguintes:

- (i) estruturas com nomes e adjectivos de género masculino no singular – MSA (4 itens)
- (ii) estruturas com nomes e adjectivos de género masculino no plural – MPA (4 itens)
- (iii) estruturas com nomes do género masculino no singular e com sintagmas preposicionais – MSSP (4 itens)
- (iv) estruturas com nomes e adjectivos do género feminino no singular – FSA (4 itens)
- (v) estruturas com nomes e adjectivos do género feminino no plural – FPA (4 itens)
- (vi) estruturas com nomes do género feminino no singular e com sintagmas preposicionais – FSSP (4 itens).

Justifico, de seguida, a sua importância, tendo em conta os objectivos deste trabalho. As seis condições deste teste de produção elicitada têm como objectivo verificar se a gramática da criança admite a elipse nominal num contexto em que ela é altamente favorecida. Assim, se a sua gramática tiver elipse nominal legitimada quer em contextos com adjectivos, quer em contextos com SPs, as crianças deverão responder às perguntas que lhes são feitas com frases que contenham EN. De facto, era importante para o teste de compreensão saber se a gramática das crianças admitia elipse nominal nestes diferentes contextos.

As condições testadas apresentam dois tipos de construção de elipse nominal: com adjectivos e com SPs. Estes ocorrem sempre em posição pós-nominal e como modificadores do nome. Como já foi referido, os adjectivos e os sintagmas preposicionais funcionam como legitimadores de elipse nominal. Neste teste, as preposições utilizadas são *de*, *com* e *sem*. Tendo os adjectivos morfologia de

concordância ausente dos SPs, poderia haver diferenças entre estes dois contextos. Para a eliciação de elipse nominal com SPs, foram usados itens como o seguinte: *A senhora da camisola azul anda de barco e a senhora da camisola amarela anda de carro. Que senhora é que está a andar de barco? Que senhora é que está a andar de carro?*.

Para além disso, apesar de todos os DPs serem produzidos também pelo investigador, foram analisadas as produções das crianças de forma a verificar se havia algum desvio nos padrões de concordância quer no determinante, quer no adjectivo. Assim, foram incluídos contextos com diferentes especificações morfológicas de género (feminino/masculino) e número (singular/plural), de forma a poder observar eventuais desvios nos padrões de concordância, uma vez que isso é referido na literatura (cf. Ntelitheos & Christodoulou (2005)). Assim, para a eliciação de elipse nominal com morfologia de feminino singular, foram usados itens como o seguinte: *A vaca grande come cenouras e a vaca pequena bebe leite. Que vaca é que come cenouras? Que vaca é que bebe leite?* Para a eliciação de elipse nominal em contextos de masculino singular foram usados itens como o seguinte: *O cavalo grande salta a barreira e o cavalo pequeno fica parado. Que cavalo é que saltou a barreira? Que cavalo é que ficou parado?* Para a eliciação de elipse nominal em contextos de feminino plural, foram usados itens como o seguinte: *As vacas grandes estão perto do jardim e as vacas pequenas estão perto do lago. Que vacas é que estão perto do jardim? Que vacas é que estão perto do lago?* Finalmente, para a eliciação de elipse nominal em contextos de masculino plural, foram usados itens como o seguinte: *Os cavalos brancos estão ao pé do barco e os cavalos castanhos estão ao pé do tractor. Que cavalos é que estão ao pé do barco? Que cavalos é que estão ao pé do tractor?*

4.3.2. – Apresentação e análise dos resultados

Começando pelos dados obtidos pelo grupo dos adultos, verificamos que estes obtiveram resultados de 100% para todas as condições com adjectivos e percentagens de 95,8% e 93,7% para as condições com SPs do género masculino e do género feminino respectivamente. Os contextos com adjectivo parecem ser, assim, mais

favoráveis à ocorrência de elipse nominal do que os contextos com SPs. Na globalidade, as taxas de produção de elipse nominal são de 98,3% (cf. Quadro 1).

Condição	MSA	MPA	FSA	FPA	MSSP	FSSP	TOTAL
Idade	(8)	(8)	(8)	(8)	(8)	(8)	(48)
25-55	48/48	48/48	48/48	48/48	46/48	45/48	283/288
(n=6)	100%	100%	100%	100%	95,8%	93,7%	98,3%

Quadro 1: produção de elipse nominal pelo grupo de controlo

No quadro 2 estão representadas as percentagens obtidas pelas crianças, nas seis condições deste teste.

Analisando este quadro, verificamos que todas as crianças produzem elipse nominal, havendo uma diferença entre os contextos com adjectivos, em que a elipse nominal é produzida em mais de 90% dos casos, e os contextos com SPs, em que as taxas de produção de elipse nominal são inferiores, entre os 70% e os 90%.

Condição	MSA	MPA	FSA	FPA	MSSP	FSSP	TOTAL
Idade	(8)	(8)	(8)	(8)	(8)	(8)	(48)
2;2-2;11	73/80	76/80	78/80	70/80	59/80	58/80	414/480
(n=10)	91,25%	95%	97,5%	87,5%	73,75%	72,5%	86,25%
3;0-3;11	79/80	73/80	75/80	77/80	67/80	65/80	436/480
(n=10)	98,75%	91,25%	93,75%	96,25%	83,75%	81,25%	90,8%
4;0-4;11	77/80	78/80	78/80	74/80	70/80	70/80	447/480
(n=10)	96,25%	97,5%	97,5%	92,5%	88,75%	88,75%	93,1%

Quadro 2: produção de elipse nominal pelas crianças

Começo por analisar os dados obtidos pelo grupo dos 2 anos. Este grupo só apresenta dois resultados inferiores a 80%, que correspondem às condições com SPs: 73,75% para os itens do género masculino e 72,5% para os itens do género feminino. Nas condições com adjectivos no singular, as percentagens obtidas são de 91,25% para itens do género masculino e de 97,5% para itens do género feminino. Por fim, nas condições com adjectivo no plural obtive resultados de 95% nos itens do género masculino e 87,5% nos itens do género feminino. A percentagem total de respostas com EN neste grupo é de 86,25%.

Analisando agora os resultados obtidos pelas crianças do grupo dos 3 anos, verificamos que as percentagens mais baixas são as relativas às condições com SPs. Obtiveram 81,25% nos itens do género feminino e 83,75% nos itens do género masculino. No que diz respeito às condições com adjectivos no singular, este grupo apresenta percentagens de 98,75% na condição do género masculino e de 93,75% na condição do género feminino. Nas condições com adjectivos no plural as percentagens são de 91,25% nos itens do género masculino e de 96,25% nos itens do género feminino. No total este grupo apresenta uma percentagem de 90,8% .

O grupo dos 4 anos obteve resultados semelhantes ao grupo dos 3 anos. Para as condições com SPs, as percentagens obtidas são de 88,75% para ambas. Para as condições com adjectivos no singular as percentagens são de 96,25% na condição do género masculino e de 97,5% na condição do género feminino. Relativamente às condições com adjectivos no plural os resultados são de 97,5% nos itens do género masculino e de 92,5% nos itens do género feminino. A percentagem total de resposta com EN deste grupo é de 93,1%.

Para cada item foram pensadas duas perguntas que favoreciam a produção de elipse nominal, i.e., os resultados das condições MSA1, MPA1, FSA1, FPA1, MSSP1 e FSSP1 correspondem às respostas dadas à primeira pergunta e os resultados das condições MSA2, MPA2, FSA2, FPA2, MSSP2 e FSSP2 correspondem às respostas dadas à segunda pergunta. Sendo as duas perguntas feitas em sequência, poderia haver um favorecimento de elipse na segunda resposta, uma vez que seria a própria criança a produzir o nome na primeira resposta.

Nos quadros 3 e 4 estão representadas as percentagens obtidas para cada uma dessas perguntas associadas à mesma condição. Como se pode observar no quadro 3, nas condições com adjectivos as percentagens das duas perguntas são muito próximas, variando entre 0% e 12,5%, e nunca inferiores a 82,5%.

Condição Idade	MSA1 (4)	MSA2 (4)	MPA1 (4)	MPA2 (4)	FSA1 (4)	FSA2 (4)	FPA1 (4)	FPA2 (4)	Total (32)
2;2-2;11 (n=10)	34/40 85%	39/40 97,5%	37/49 92,5%	39/40 97,5%	38/40 95%	39/40 97,5%	33/40 82,5%	37/40 92,5%	296/320 92,5%
3;3-3;10 (n=10)	39/40 97,5%	40/40 100%	34/40 85%	39/40 97,5%	35/40 87,5%	40/40 100%	38/40 95%	39/40 97,5%	304/320 95%
4;0-4;11 (n=10)	36/40 90%	40/40 100%	40/40 100%	39/40 97,5%	39/40 97,5%	39/40 97,5%	36/40 90%	38/40 95%	307/320 95,9%

Quadro 3

No que diz respeito as condições com SPs, as oscilações são maiores, sendo o resultado da primeira questão sempre inferior ao resultado da segunda. Essa variação é mais acentuada na condição com SP no masculino (cf. Quadro 4). Nos itens do género masculino, as percentagens da primeira pergunta são de 52,5% para o grupo dos 2 anos, de 75% para o grupo dos 3 anos e de 87,5% para o grupo dos 4 anos.

Condição Idade	MSSP1 (4)	MSSP2 (4)	FSSP1 (4)	FSSP2 (4)	Total (16)
2;2-2;11 (n=10)	21/40 52,5%	38/40 95%	23/40 57,5%	35/40 87,5%	117/160 73,1%
3;3-3;10 (n=10)	30/40 75%	37/40 92,5%	30/40 75%	36/40 90%	133/160 83,1%
4;0-4;11 (n=10)	35/40 87,5%	37/40 92,5%	33/40 82,5%	35/40 87,5%	140/160 87,5%

Quadro 4

Em relação aos itens do género feminino da primeira pergunta, as percentagens são de 57,5% para o grupo dos 2 anos, de 75% para o grupo dos 3 anos e de 82,5% para o grupo dos 4 anos.

No entanto, se considerarmos as segundas respostas, verificamos que todas as crianças obtiveram resultados próximos dos 90% com SPs, o que mostra que todas elas admitem elipse nominal também neste contexto.

Em nenhum dos casos se verificou existir problemas com a concordância morfológica no artigo definido ou no adjectivo. Todas as respostas apresentavam estruturas sintáctica e morfológicamente bem formadas (com ou sem EN).

4.3.3. – Discussão

Como foi visto anteriormente, já em Lobeck (1995) e Kester (1996) se fazia referência a uma possível correlação entre a aquisição de processos sintácticos e a aquisição do paradigma da morfologia rica. Seguindo esta abordagem, se a morfologia rica legitimar a elipse nominal, então será de esperar que esta não se manifeste nas crianças antes de a concordância morfológica no domínio nominal estar completamente desenvolvida.

Para Snyder, Senghas & Inman (2001), se a elipse nominal derivar directamente da morfologia, i.e. se a concordância rica em espanhol for necessária e suficiente para que haja elipse nominal, então todas as crianças que já tenham aprendido todo o sistema de concordância vão permitir elipse nominal. Se a concordância morfológica rica não for condição suficiente para que haja elipse nominal, e se em espanhol a elipse nominal depender de propriedades independentes da língua, então os autores prevêem que pelo menos algumas crianças adquiram a elipse nominal significativamente mais tarde que o sistema de concordância. Os autores concluem que a aquisição do paradigma de concordância não é condição necessária e suficiente para que haja elipse nominal em espanhol.

Também para Ntelitheos & Christodoulou (2005), se a morfologia rica legitima a elipse nominal então será de esperar que esta não se manifeste nas crianças antes de a concordância morfológica no domínio nominal estar completamente desenvolvida. Os autores mostram que as crianças gregas, ao que parece, usam a EN com mais produtividade do que os adultos, mesmo sem terem o sistema da concordância completo. Para Ntelitheos & Christodoulou (2005), é claro que esta investigação contraria hipóteses anteriores de que a concordância morfológica “rica” no domínio nominal é um pré-requisito para a legitimação de EN. Para completar estas conclusões, os autores acrescentam que as crianças parecem produzir EN com concordância incorrecta entre o nome elidido e o modificador presente. Os autores vêem isto como uma indicação de que a concordância morfológica no domínio

nominal não é um legitimador de EN, mas um pré-requisito para a identificação do núcleo nominal elidido.

Os resultados obtidos no meu teste de produção mostram que as crianças portuguesas, tal como as crianças espanholas e gregas, produzem elipse nominal desde os 2 anos. Para além disso, o desempenho das crianças mostra que a elipse nominal é mais frequente nos contextos com adjectivos do que nos contextos com SPs.

Na situação experimental realizada, verificou-se ainda que as crianças portuguesas não produzem contextos com EN com concordância morfológica incorrecta, ao contrário do que aconteceu com as crianças gregas. Isto leva-me a supor que as crianças nesta idade (2-4 anos) já dominam a morfologia de género e número. Verifica-se ainda que todas elas produziram EN e não se verificou nenhum efeito de desenvolvimento. Concluo, portanto, que nas faixas etárias consideradas, as crianças têm comportamentos próximos dos adultos. Tal como o teste foi concebido, não foi possível observar nenhuma eventual correlação entre produção de elipse nominal e morfologia. Verifica-se, no entanto, que a produção de elipse é ligeiramente maior em contextos com adjectivos, que manifestam morfologia nominal, do que em contextos com SPs, em que só há morfologia no determinante.

4.4. – Aplicação dos testes de compreensão de elipse nominal

Nesta secção, são apresentados os dois testes de compreensão. Os testes aplicados tinham como objectivo verificar se a interpretação da elipse nominal pelas crianças está sujeita ao mesmo tipo de restrições do que a gramática do adulto, exigindo que o conteúdo da elipse nominal seja recuperado com base no contexto linguístico anterior ou se, pelo contrário, admite que o conteúdo da elipse nominal seja recuperado contextualmente.

O primeiro teste de compreensão é um teste que recorre a uma tarefa de juízo de valor de verdade e controla três contextos sintácticos: (1) frases sem elipse nominal, (2) frases com elipse nominal com artigo definido e adjectivo e (3) frases com elipse nominal com artigo indefinido e adjectivo. O segundo teste de compreensão usa a metodologia “act-out” e controla dois contextos sintácticos: (1)

frases com elipse nominal com artigo definido e adjectivo no masculino e no feminino singular e (2) frases com elipse nominal com artigo definido e SP no masculino e feminino singular.

4.4.1 – Teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade

4.4.1.1 – Metodologia

O teste aplicado é um teste original inventado e desenhado por mim e consiste numa tarefa de juízo de valor de verdade (cf. Crain & Thornton, 1998) que permite determinar as interpretações que a criança pode ou não atribuir a uma frase específica e averiguar se a gramática da criança permite interpretações diferentes da gramática do adulto.

Uma das grandes vantagens deste teste é que a criança não tem noção de que está a ser avaliada e fica muito mais receptiva e participativa. Outra das vantagens é a de permitir ao investigador controlar melhor tanto as frases que pretende testar como o contexto onde estas se inserem.

A situação experimental consistiu na apresentação de uma frase potencialmente ambígua num contexto (imagem) que torna uma das interpretações verdadeira ou falsa.

Perante a apresentação da imagem, o investigador introduz uma frase que é completada pelo fantoche. De seguida, pede-se à criança que avalie a frase dita pelo fantoche, classificando-a como certa ou errada.

Antes da aplicação do teste, foi efectuada uma familiarização com a tarefa, com as imagens e com as personagens, uma apresentação do fantoche, e um reconhecimento dos objectos, cores e tamanhos presentes no teste. Esta familiarização consistiu num pré-teste onde era apresentada uma folha com todos os objectos presentes no teste e onde era pedido à criança que identificasse esses objectos e as suas características. Este pré-teste tinha como finalidade averiguar se a criança conhecia os objectos e adjectivos usados no teste. É determinante para o teste que a criança conheça todos os objectos e as suas características. Se isto não acontecer, os resultados podem ser comprometidos, pois não se consegue determinar se a criança

não dá a resposta esperada porque interpreta a elipse nominal de forma diferente do adulto ou simplesmente porque não entende o contexto.

O fantoche é apresentado à criança como sendo distraído e como tal por vezes diz coisas acertadas, mas outras vezes diz coisas erradas. A criança terá de “ajudar” o fantoche, corrigindo o que ele diz, sem que se aperceba que está a ser testada. A existência do fantoche facilita a tarefa do investigador, na medida em que para a criança é mais fácil corrigir uma fantoche do que um adulto, e porque pragmaticamente é mais plausível que seja um fantoche e não um adulto a dizer coisas certas ou erradas.

Para ajudar à compreensão dos vários passos do teste, apresenta-se, de seguida, um exemplo:

- (i) o investigador exhibe a imagem seguinte à criança e diz: “Mmm... a Maria comprou as botas castanhas” e o fantoche completa a frase: “...e a Joana comprou as cor-de-rosa”.



- (ii) A criança ouve as pistas e vê a imagem
- (iii) O investigador repete as pistas (se necessário) e faz a pergunta relacionada com o desenho: “o fantoche está a dizer certo ou está a dizer errado?”
- (iv) A criança ouve o investigador e julga se aquilo que ouviu está correcto e responde: “certo” ou “errado”.

4.4.1.2 – Condições testadas e justificação

Na realização deste teste, foram testadas as seguintes condições:

- | | | | |
|-------|--|----------------|---------------|
| (i) | estruturas sem elipse nominal | CONTV (4itens) | (verdadeiras) |
| (ii) | estruturas sem elipse nominal | CONTF (4itens) | (falsas) |
| (iii) | estruturas com elipse nominal identificadas por antecedente linguístico, com artigo definido | CENDV(4itens) | (verdadeiras) |
| (iv) | estruturas com elipse nominal identificadas por antecedente linguístico, com artigo indefinido | CENIV(4itens) | (verdadeiras) |
| (v) | estruturas com elipse nominal identificadas por contexto situacional, com artigo definido | CENDF(4itens) | (falsas) |
| (vi) | estruturas com elipse nominal identificadas por contexto situacional, com artigo indefinido | CENIF(4itens) | (falsas) |

Justifico, de seguida, a sua relevância, tendo em conta os objectivos do trabalho. As condições (iii), (iv), (v) e (vi) têm como objectivo verificar se a gramática da criança apresenta as mesmas restrições que a gramática do adulto na interpretação da elipse nominal. Assim, se a interpretação da elipse nominal obedecer a um requisito de identidade, com base no contexto linguístico da frase anterior, e não admitir interpretações apenas com base no contexto situacional sem que haja identidade com um antecedente linguístico, as crianças deverão rejeitar as frases das condições (v) e (vi) (*A Maria comprou as botas castanhas e a Joana comprou as [-] cor-de-rosa. ([-] = sapatilhas); A Maria comprou uma camisola azul e a Joana comprou uma [-] amarela. ([-]= saia)*) e aceitar as das condições (iii) e (iv) (*A Maria comprou as botas castanhas e a Joana comprou as [-] cor-de-rosa. ([-] = botas); A Maria comprou uma camisola azul e a Joana comprou uma [-] amarela. ([-]= camisola)*). Caso contrário, poderão aceitar a interpretação não idêntica da elipse nominal com base no contexto situacional (neste caso, a imagem). Se a criança recuperar o conteúdo da elipse com base predominantemente no contexto situacional, espera-se que responda afirmativamente, ao contrário do adulto, quer às condições iii)

e (iv), quer às condições (v) e (vi). Se a criança recuperar o conteúdo da elipse com base predominantemente no antecedente linguístico, espera-se que responda afirmativamente às condições (iii) e (iv) e negativamente às condições (v) e (vi). Estas quatro condições diferem na presença de dois tipos de determinantes – artigo definido e indefinido. Estes dois artigos distinguem-se por não legitimarem da mesma forma elipse nominal. Assim, como foi dito anteriormente, o artigo definido é mais restritivo do que o indefinido, só podendo legitimar elipse nominal quando é seguido de um outro constituinte (cf. *O Pedro comprou o casaco azul e eu comprei o *(verde)*). O artigo indefinido, pelo contrário, permite elipse nominal sem ser seguido de um constituinte (cf. *O Pedro comprou um casaco azul e eu também comprei um*). Esta distinção tem como objectivo verificar se a criança apresenta uma interpretação da EN nos itens com artigo definido diferente da interpretação que faz com o artigo indefinido. As condições (i) e (ii) são frases sem elipse nominal, que permitem verificar se a criança está a perceber a tarefa, tais como *A Maria comprou as botas castanhas e a Joana comprou as botas cor-de-rosa*, sendo a frase verdadeira na condição (i) e falsa na condição (ii). A condição (ii), em particular, permite identificar um eventual efeito “yes bias”, que se caracteriza pela tendência que algumas crianças apresentam em dar, de forma sistemática, uma resposta afirmativa, mesmo quando a condição é falsa.

Todas as condições testadas apresentam apenas um tipo de construção de elipse nominal. São construções com nomes e adjectivos modificadores (N+A). Estes ocorrem sempre em posição pós-nominal e como modificador do nome. Como já foi referido, os adjectivos funcionam como legitimadores de elipse nominal.

4.4.1.3 – Apresentação e análise dos resultados

Apresento agora os resultados obtidos após a realização deste teste.

Começando pelo grupo de controlo dos adultos, verificamos, como já era esperado, que este grupo não apresenta qualquer problema na compreensão de EN. Tem uma percentagem de 100% de acerto em todas as condições (cf. Quadro 5). Isto mostra que, em contextos como aqueles que foram testados, a interpretação da elipse nominal pelos adultos obedece a um requisito de identidade com base no contexto linguístico da frase anterior e não admite interpretações apenas com base no contexto situacional sem que haja identidade com um antecedente.

Condição Idade	CONTV (4)	CONTF (4)	CENDV (4)	CENDF (4)	CENIV (4)	CENIF (4)
25-55	20/20	20/20	20/20	20/20	20/20	20/20
(n=6)	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Quadro 5

Analisando agora o grupo das crianças obtemos resultados diferentes.

Condição Idade	CONT V(4)	CONT F(4)	CEND V(4)	CENI V(4)	CEND F(4)	CENI F(4)	Total (24)
3;6-3;11 (n=8)	32/32 100%	30/32 93,7%	32/32 100%	32/32 100%	16/32 50%	24/32 75%	166/192 86,4%
4;5-4;11 (n=7)	28/28 100%	26/28 92,8%	28/28 100%	28/28 100%	15/28 53,5%	17/28 60,7%	142/168 84,5%
5;0-6;4 (n=14)	56/56 100%	56/56 100%	56/56 100%	55/56 98,2%	45/56 80,3%	51/56 91,1%	319/336 94,9%

Quadro 6

Começando pela condição (i), e como era esperado, as crianças apresentam percentagens de 100% de acerto para todos os itens. A condição (ii) apresenta valores inferiores, o que pode ser explicado por um efeito “yes bias” e por eventuais distrações.

Passando agora às condições CENDV (iii) e CENIV (iv), verifico que ambas apresentam resultados próximos ou iguais a 100% de acerto. Estes resultados apontam para uma interpretação por parte das crianças muito semelhante à interpretação feita pelo adulto nestes contextos, isto é, tal como os adultos as crianças em todas as faixas etárias consideradas aceitam a elipse nominal com um antecedente linguístico compatível com o contexto situacional. No entanto, nas condições mais relevantes para saber se a elipse nominal pode ser interpretada pelas crianças com base no contexto situacional, verificamos que as crianças mais pequenas obtêm resultados bastante diferentes do grupo de controlo. No que diz respeito à condição CENIF, o grupo dos 3 anos apresenta uma percentagem de 75% e o grupo dos 4 anos apresenta uma percentagem de aproximadamente 60%. A segunda conclusão é a de que as

crianças apresentam no geral melhores resultados nas condições com indefinidos do que nas condições com definidos. O grupo de 3 anos apresenta resultados nas condições CENIF de 75% e nas condições CENDF de 50%. No grupo dos 4 anos verifico percentagens de 60,7% e de 53,5% respectivamente. Isto mostra que as crianças de 3 e 4 aceitam num número considerável de casos que a elipse nominal seja identificada apenas pelo contexto situacional e não pelo contexto linguístico.

O mesmo não acontece com as crianças de 5 ou mais anos, que obtêm resultados mais próximos dos adultos em contextos com a mesma expressão. Assim, se olharmos agora para o grupo das crianças de idade igual ou superior a 5 anos, verificamos que apresentam uma percentagem de acerto de 80,3% e 94,6% nas condições CENDF e CENIF, respectivamente, o que equivale a um resultado global de 87,5% se juntarmos estas duas condições. Isto indica que nesta fase da aquisição as crianças já fazem uma interpretação da elipse nominal próxima da interpretação do adulto, que obedece a um requisito de identidade, com base no contexto linguístico da frase anterior.

Condição Idade	CENDF	CENIF	CENDF+ CENIF
3;6-3;11 (n=8)	16/32 50%	24/32 75%	40/64 62,5%
4;5-4;11 (n=7)	15/28 53,5%	17/28 60,7%	32/56 57,1%
5;0-6;4 (n=14)	45/56 80,3%	53/56 94,6%	98/112 87,5%

Quadro 7

No quadro 7, estão representadas as percentagens obtidas para as condições CENDF e CENIF nas diferentes idades.

Analisando em detalhe os grupos mais novos, verifico que nas crianças de 3 anos a percentagem de respostas acertadas está entre os 50% e 75%. Em relação às crianças de 4 anos, os resultados situam-se entre os 53,5% e os 60,7%. Verifico que as crianças com esta idade ainda aceitam interpretações apenas com base no contexto

situacional sem que haja identidade com um antecedente. Contudo, e com base nos resultados individuais de algumas crianças (cf. Quadro de respostas individuais, em anexo), verifico que algumas crianças mostram resultados muito positivos, como é o caso da Mariana² que apresenta uma percentagem de acerto de 75%, dando a resposta esperada a 6 dos 8 itens testados, e da Inês que tem uma percentagem de 87,5% de acerto, respondendo como o esperado a 7 dos 8 itens testados. Isto indica que, apesar dos resultados globais, existem indícios de que algumas crianças desta idade já dispõem de uma gramática muito semelhante à do adulto, e que, portanto, já privilegiam as interpretações com base no contexto linguístico da frase anterior, obedecendo a um requisito de identidade.

Por último, na faixa etária mais alta, o grupo dos 5 anos, obteve percentagens de acerto entre os 80,3% e os 94,6%. Existe uma percentagem muito elevada de acerto em quase todos os itens testados: este grupo apresenta uma percentagem de 100% em 4 dos 8 itens, com um total de acerto de 87,5%. Estes resultados podem-me levar a crer que, nesta idade, as interpretações feitas pelas crianças são baseadas no contexto linguístico da frase anterior e obedecem a um requisito de identidade. As crianças já dispõem de uma gramática muito semelhante à do adulto.

No quadro 8 são apresentadas as percentagens totais obtidas para as condições verdadeiras e falsas, com artigos definidos e indefinidos.

Condição Idade	CENDV + CENDF	CENIV + CENIF
3;6-3;11 (n=8)	48/64 75%	56/64 87,5%
4;5-4;11 (n=7)	43/56 76,8%	45/56 80,3%
5;0-6;4 (n=14)	101/112 90,2%	106/112 94,6%

Quadro 8

Após a sua análise, verificamos que o grupo dos 3 anos apresenta uma percentagem de acerto de 75% nas condições com artigo definido e 87,5% nas condições com artigo indefinido; o grupo dos 4 anos obteve um resultado de 76,8%

nas condições com definido e 80,3% nas condições com indefinido. Por fim, no grupo dos 5 e 6 anos os resultados obtidos são de 90,2% nas condições com artigo definido e de 94,6% nas condições com indefinido.

Verifica-se assim que há uma ligeira diferença entre os itens com artigo indefinido e os itens com artigo definido, sendo os resultados com artigo definido ligeiramente piores do que aqueles que as crianças obtêm com artigo definido na condição em que os adultos dão a resposta Falso

4.4.2 – Teste de Compreensão “Act-Out”

De forma a confirmar os resultados do teste anterior e a rejeitar diferentes hipóteses de interpretação dos resultados, nomeadamente eventuais efeitos de deficiente domínio lexical pelas crianças mais pequenas, que poderiam estar a aceitar adjetivos usados como nomes, foi construído um outro teste de compreensão usando a metodologia “act out” que integrava, para além do contexto de elipse nominal com adjetivos, um contexto adicional com SPs, menos susceptíveis de poderem estar a ser tratados como nomes. Este teste pretendia verificar, com base numa metodologia não condicionada pelo efeito ‘yes bias’, se as crianças mais pequenas admitem de facto a identificação da elipse por um elemento do contexto situacional não compatível com o antecedente linguístico.

4.4.2.1 – Metodologia

O teste de “act-out”, usado pela primeira vez em 1969 por Chomsky para estudar o conhecimento da sintaxe de crianças, consiste numa tarefa de representação. O investigador enuncia uma frase e a criança tem que representar o que foi dito, segundo a sua interpretação, utilizando para isso os objectos disponíveis.

O teste de “act-out” é particularmente eficiente no que diz respeito a testes que incluam categorias vazias e pronominais porque facilita uma clara identificação da interpretação destas categorias por parte das crianças. Este teste requer uma acção das crianças e não uma escolha entre verdadeiro e falso, o que evita o efeito “yes-bias”, já descrito no teste anterior. É um teste não-instrutivo, i.e., permite às crianças uma interpretação voluntária das frases, sem que existam diferentes contextos com diferentes interpretações que exijam uma escolha, como acontece no teste de juízo de valor de verdade. Este teste é um teste divertido e que cativa as crianças, permitindo

testar todas as condições sem que a criança se canse e sem que se aperceba que está a ser testada. Tem, no entanto, a limitação de, no caso de uma mesma frase poder ter mais do que uma interpretação pela criança, não forçar a escolha de uma das leituras, deixando a criança optar por uma delas.

Antes da aplicação do teste foi feita uma apresentação de todos os objectos, adjectivos e sintagmas preposicionais usados no teste. Como já foi referido, é determinante para o teste que a criança conheça todos os objectos e as suas características. Se isto não acontecer, os resultados podem ser comprometidos, pois não se consegue determinar se a criança não dá a resposta esperada porque interpreta a elipse nominal de forma diferente do adulto ou simplesmente porque não entende o contexto.

A situação experimental consistiu na apresentação de quatro entidades, de duas classes diferentes que, apesar de serem diferentes em cor, em tamanho ou outra propriedade, partilham a mesma característica e duas que não partilham essa mesma característica. Assim, eram descritas as entidades envolvidas, como por exemplo *Está aqui um cavalo branco e um cavalo castanho. Um urso branco e um urso castanho.*). Seguiu-se a instrução que a criança deveria representar, como por exemplo *O cavalo branco fica parado e o [-] castanho salta a barreira.* Espera-se que a criança represente o que foi dito (que neste caso seria mexer apenas o cavalo castanho). Se a criança aceitar que a elipse não seja recuperada linguisticamente neste contexto, poderá fazer saltar o urso castanho.

4.4.2.2. Condições testadas e justificação

Na realização deste teste, foram testadas as seguintes condições:

- (i) estruturas com nomes e adjectivos do género masculino e no singular – MA (5 itens)
- (ii) estruturas com nomes do género masculino e no singular e com sintagmas preposicionais – MSP (5 itens)
- (iii) estruturas com nomes e adjectivos do género feminino e no singular – FA (5 itens)
- (iv) estruturas com nomes do género feminino e no singular ligados a sintagmas preposicionais – FSP (5 itens).

De seguida, justifico a sua relevância, tendo em conta os objectivos deste trabalho. As condições (i), (ii), (iii) e (iv) têm como objectivo verificar se a gramática da criança apresenta as mesmas restrições que a gramática do adulto na interpretação da elipse nominal. Assim, se a interpretação da elipse nominal obedecer a um requisito de identidade, com base no contexto linguístico da frase anterior, e não admitir interpretações apenas com base no contexto situacional sem que haja identidade com um antecedente, as crianças deverão representar a situação pedida movimentando sempre duas entidades iguais que apenas diferem em uma característica, por exemplo ser grande ou pequeno, ser branco ou ser castanho, ter um laço ou não ter laço, etc. Neste caso em particular, se a criança aceitar apenas a identificação pelo antecedente linguístico, irá fazer saltar o cavalo castanho. Se, pelo contrário, aceitar uma identificação situacional, poderá fazer saltar o urso castanho.

As condições testadas apresentam apenas dois tipos de construção de elipse nominal. São construções com nomes e adjectivos modificadores (N+A) e construções com nomes e sintagmas preposicionais (N+SP), estes ocorrem sempre em posição pós-nominal e como modificadores do nome. Neste teste, as preposições utilizadas são *de*, *com* e *sem*. A distinção entre as condições com adjectivos (cf. (i) e (iii)) e com sintagmas preposicionais ((cf. (ii) e (iv)) tem como objectivo observar uma eventual diferença entre o contexto de adjectivos, com maior número de marcas morfológicas (concordância no determinante e no adjectivo), e o contexto de SPs com menor número de marcas morfológicas (apenas concordância no determinante). Permite ainda controlar a possibilidade de a criança fazer uma interpretação dos adjectivos como sendo nomes (ex. *O pequeno*), comprometendo assim as suas respostas e os resultados.

4.4.2.3 – Apresentação e análise dos resultados

Começando pelos adulto, verificamos que o grupo de controlo obteve percentagens de acerto de 100% para todas as condições testadas (cf. Quadro 9), i.e. todos os adultos interpretaram a elipse nominal como idêntica ao antecedente linguístico.

Condição Idade	MA (5)	FA (5)	MSP (5)	FSP (5)	TOTAL (20)
25-55	30/30	30/30	30/30	30/30	120/120
(n=6)	100%	100%	100%	100%	100%

Quadro 9

Observando agora os grupos das crianças verificamos que os resultados são bastante diferentes nas três faixas etárias (cf. Quadro 10).

Condição Idade	MA (5)	FA (5)	MSP (5)	FSP (5)	TOTAL (20)
2;2-2;11 (n=10)	44/50 88%	43/50 86%	34/50 68%	30/50 60%	151/200 75,5%
3;0-3;11 (n=10)	50/50 100%	50/50 100%	42/50 84%	46/50 92%	188/200 94%
4;0-4;11 (n=10)	50/50 100%	50/50 100%	46/50 92%	50/50 100%	196/200 98%

Quadro 10

Começando pelo grupo dos 2 anos, verifico que em relação às condições que contêm adjetivos, quer seja masculino quer seja feminino, as percentagens de acerto, i.e. de respostas em que a elipse é recuperada linguisticamente, são superiores a 80%, sendo de 88% para as frases com adjetivos no masculino e 86% para frases com adjetivos no feminino. No que diz respeito às condições com SP, os resultados são mais baixos, situando-se nos 68% de acerto para os itens com SP do género masculino e 60% para os itens com SP no género feminino. Neste grupo, o total de acerto é de 75,5%, o que pode sugerir que as crianças nesta idade já possuem uma gramática semelhante à dos adultos, fazendo por isso, uma interpretação da EN baseada no contexto linguístico da frase anterior e obedecendo a um requisito de identidade, na maioria dos casos. Do número total de respostas erradas, 36 (73,4%) são compatíveis com o antecedente não linguístico com a mesma propriedade e 13 (26,5%) são respostas ao acaso. Relativamente ao número total de respostas, neste grupo etário, a percentagem em que a criança não optou pelo antecedente linguístico, mas pelo

objecto com a mesma propriedade é de 23,8% e a percentagem de respostas ao acaso é de 8,6% (cf. Tabela 1). Isto mostra que, embora a interpretação preferida seja aquela em que há identidade com antecedente linguístico, as crianças mais pequenas admitem também nalguns casos que a elipse seja identificada apenas pelo contexto situacional.

Resposta Idade	Antecedente Linguístico	Antecedente Não Linguístico	Outras	Total
2;2-2;11 (n=10)	151 75,5%	36 18%	13 6,5%	200 100%
3;0-3;11 (n=10)	188 94%	11 5,5%	1 0,5%	200 100%
4;0-4;11 (n=10)	196 98%	4 2%	0 0%	200 100%

Tabela 1

No grupo dos 3 anos, os resultados obtidos para todas as condições são superiores a 80%. Apresentam percentagens de 100% de acerto em ambas as condições com adjetivos e percentagens de 84% e 92% para as condições com SPs no género masculino e feminino, respectivamente. Neste grupo obtive uma percentagem total de acerto de 94%, o que me leva a supor que as crianças desta faixa etária façam interpretações preferencialmente com base no contexto linguístico da frase anterior e obedecem, assim, a um requisito de identidade.

Por fim, no grupo dos 4 anos, obtive uma percentagem total de 98% de acerto. Este grupo apresenta uma percentagem de 100% em ambas as condições com adjetivos e na condição com SPs do género feminino. Para a condição com SPs no masculino, a percentagem de acerto é de 92%. Estes resultados apontam para uma evidência forte de que as crianças com esta idade já têm uma gramática muito semelhante à do adulto, e que as interpretações feitas pelas crianças são baseadas no contexto linguístico da frase anterior e obedecem a um requisito de identidade.

O quadro 11 representa os resultados globais obtidos para as condições com adjectivos e para as condições com SPs para cada faixa etária e o total dessas condições.

Condição \ Idade	MA+FA (10)	MSP+FSP (10)
2;2-2;11 (n=10)	87/100 87%	64/100 64%
3;0-3;11 (n=10)	100/100 100%	88/100 88%
4;0-4;11 (n=10)	100/100 100%	84/100 84%
Total (n=30)	287/300 95,6%	236/300 78,6%

Quadro 11

Como se pode observar neste quadro, as percentagens nas condições com adjectivo são de 87%, para o grupo dos 2 anos, e de 100% para os grupos dos 3 e dos 4 anos. Relativamente às condições com SP, os resultados obtidos são de 64% no grupo dos 2 anos, 88% no grupo dos 3 anos e de 84% no grupo dos 4 anos. Isto mostra que a interpretação da elipse nominal é mais fácil para as crianças em contextos com adjectivo do que em contextos com SP. Podemos dizer que os primeiros contextos a estabilizar serão os contextos com adjectivos.

4.4.3 – Discussão

No estudo que é desenvolvido em Wijnen, Roeper & Meulen (2004), os autores incidem a sua investigação na compreensão da EN na aquisição da linguagem em crianças inglesas e neerlandesas. O estudo tenta demonstrar que as crianças mais novas conseguem ligar frases ao discurso e que, para isso, usam meios sintácticos. Partindo do princípio sintáctico de que a construção de estruturas com EN já está disponível nas crianças com menos de 2 anos, os autores defendem que as crianças conseguem interpretar a EN através de “integração” sintáctica, i.e., a identificação da informação da estrutura sintáctica no discurso (imediatamente) anterior. Os autores

aplicaram um teste de juízo de valor de verdade e concluíram que quer as crianças inglesas quer as neerlandesas: (i) reconhecem a EN, (ii) sabem que a EN requer um discurso antecedente, e (iii) são capazes de reconstruir esse antecedente.

Para o PE e após a análise dos dados obtidos, os resultados demonstram que as crianças portuguesas em diferentes idades admitem interpretações da EN diferentes das dos adultos, possuindo uma gramática mais permissiva, nas idades inferiores a 3 anos, do que a do adulto, possibilitando, assim, uma interpretação da EN com base no contexto situacional em contextos em que a gramática do adulto a rejeita.

Em relação ao primeiro teste de compreensão, verifiquei ainda que a interpretação da EN parece ser ligeiramente mais fácil para a criança em contextos com artigo indefinido do que em contextos com artigo definido.

Concluo também que a gramática das crianças não apresenta as mesmas restrições à EN que a gramática do adulto, uma vez que permite interpretações da EN sem antecedente linguístico em contextos em que os adultos as rejeitam: as crianças de 3 e 4 anos aceitam num número considerável de casos que a EN seja identificada apenas pelo contexto situacional e não pelo contexto linguístico.

Relativamente ao teste de “act-out”, tal como acontece no teste anterior, as crianças portuguesas mais novas (2 anos) admitem, nalguns casos, a identificação da EN por um elemento do contexto situacional não compatível com o antecedente linguístico. A interpretação da elipse nominal nas crianças desta idade é mais permissiva do que a do adulto, ao passo que as crianças mais velhas (3-4 anos), tal como os adultos, optaram quase exclusivamente pela interpretação em que a elipse nominal é interpretada em função do antecedente linguístico. Concluo, portanto, que, em português, as interpretações da maioria das crianças são feitas preferencialmente com base no contexto linguístico da frase anterior e respeitam um requisito de identidade. Posso ainda inferir que os contextos com SPs são mais difíceis de interpretar para as crianças mais novas do que os contextos com adjetivos. Tal como acontece no teste de produção elicitada, o desempenho mais baixo das crianças em contextos com SPs mostra que os contextos com adjetivos parecem ser mais fáceis do que os contextos com SPs. Isto poderá eventualmente estar relacionado com a existência de marcas morfológicas, em maior número, nos contextos com adjetivos, mas será preciso investigação futura que confirme esta hipótese.

Verificamos, portanto, que a leitura preferida das crianças portuguesas é aquela em que a EN é identificada pelo antecedente linguístico, mas as crianças mais novas parecem aceitar também uma identificação contextual, não linguística. Se para as crianças a EN corresponder a *pro* e não a uma elipse canónica (como a elipse de VP), este comportamento não é inesperado, uma vez que as condições de identificação de *pro* – que tanto pode ser dêictico como anafórico – terão de ser aprendidas.

Uma das hipóteses a considerar é a de que, correspondendo a EN na gramática da criança portuguesa a *pro* e não a uma categoria elíptica canónica, as restrições à interpretação de *pro* terão de ser aprendidas. Verificar-se-á, portanto, um efeito de desenvolvimento: as crianças mais velhas, ao contrário das crianças mais novas, já não aceitam que *pro* tenha outra interpretação que não a do antecedente linguístico.

Apesar destes dados, e uma vez que as crianças mais novas dispõem preferencialmente de uma leitura em que a EN é integrada no discurso linguístico, os resultados do meu trabalho não contrariam os resultados do estudo de Wijnen, Roeper & Meulen (2004), mostrando que desde cedo as crianças interpretam preferencialmente a elipse nominal integrando-a discursivamente.

O facto de os dois testes de compreensão aplicados apresentarem diferentes metodologias permite explicar algumas diferenças de resultados entre eles. O primeiro permite determinar as interpretações que a criança pode ou não atribuir a uma frase específica e averiguar se a gramática da criança permite interpretações diferentes da gramática do adulto; o segundo é um teste não-instrutivo, i.e., permite às crianças uma interpretação voluntária das frases, sem que existam diferentes contextos com diferentes interpretações que exijam uma escolha, como acontece no teste de juízo de valor de verdade. Neste teste, a criança pode optar, espontaneamente, pela leitura preferida, não se forçando a escolha de uma delas. A diferença metodológica entre os dois testes permite explicar a diferença nos resultados obtidos em cada um deles relativamente à idade em que estabiliza a interpretação da elipse nominal correspondente à do adulto: no primeiro teste, as crianças aceitam até aos 4 anos interpretações da elipse nominal baseadas apenas no contexto situacional; no segundo teste, em que a criança opta pela interpretação preferida, é possível ver que mesmo as crianças mais novas preferem maioritariamente a interpretação em que a EN é

recuperada do contexto linguístico. O segundo teste, para além disso, por dar liberdade de interpretação à criança, permitiu confirmar que as crianças mais pequenas admitem nalguns casos a interpretação da elipse nominal com base apenas no contexto situacional (apesar de não ser essa a interpretação mais frequente), o que não acontece com os adultos e com as crianças mais velhas.

5 – Conclusão

Após a realização deste trabalho obtive dados que me permitiram tirar várias conclusões. Os resultados obtidos no meu teste de produção mostram que as crianças portuguesas, tal como as crianças espanholas e gregas, produzem elipse nominal desde os 2 anos. Para além disso, o desempenho das crianças mostra que a elipse nominal é mais frequente nos contextos com adjectivos do que nos contextos com SPs. Não foi possível observar nenhuma eventual correlação entre produção de elipse nominal e morfologia. Verifica-se, no entanto, que a produção de elipse é ligeiramente maior em contextos com adjectivos, que manifestam morfologia nominal, do que em contextos com SPs, em que só há morfologia no determinante.

Relativamente aos testes de compreensão, para o PE, os resultados demonstram que as crianças portuguesas em diferentes idades admitem interpretações diferentes da EN, possuindo uma gramática mais permissiva, nas idades inferiores a 3 anos, do que a do adulto, possibilitando, assim, a ocorrência de EN em contextos que a gramática do adulto rejeita. Concluo também que a gramática das crianças não apresenta as mesmas restrições à EN que a gramática do adulto, uma vez que permite interpretações da EN sem antecedente linguístico: as crianças dos 3 e 4 anos aceitam num número considerável de casos que a EN seja identificada apenas pelo contexto situacional e não pelo contexto linguístico. Tal como acontece no teste de produção elicitada o baixo desempenho das crianças em contextos com SPs mostra que os contextos com adjectivos, parecem ser mais fáceis do que os contextos com SPs. Isto parece estar relacionado com a existência de marcas morfológicas, em maior número, nos contextos com adjectivos. Verificamos, portanto, que a leitura preferida das crianças portuguesas é aquela em que a EN é identificada pelo antecedente linguístico, mas as crianças mais novas parecem aceitar também uma identificação contextual, não linguística.

Apresento, de seguida, uma síntese dos diferentes capítulos que compõem este trabalho sobre a elipse nominal na aquisição do PE.

No capítulo 1, é feita a caracterização do tópico de investigação desta dissertação, referindo as principais questões que coloca e mencionando trabalhos realizados para outras línguas relativamente à produção de elipse nominal - espanhol, grego, francês (cf. Snyder, Senghas & Inman (2001), Ntelitheos & Christodoulou

(2005) e Valois et al. (2008)) e relativamente à sua compreensão – inglês e neerlandês (cf. Wijnen, Roeper & Meulen (2004)).

No capítulo 2, para enquadrar adequadamente os conceitos de EN, concordância morfológica, compreensão, produção e outros que lhes surgem associados, apresentei uma revisão bibliográfica sobre construções elípticas, referindo os diferentes tipos de elipse existentes em PE e caracterizando a EN. É feita ainda uma revisão de algumas propostas teóricas sobre a EN em diferentes línguas, nomeadamente Lobeck (1995), Sleeman (1996), Kester (1996), Kester & Sleeman (2002). É feita ainda uma breve descrição da distribuição da EN em PE: em PE, a elipse nominal é possível em sintagmas determinantes encabeçados por artigos definidos quando o nome elíptico é modificado por um adjectivo, por um modificador introduzido por algumas preposições, ou por uma oração relativa introduzida por *que*; se o determinante presente for um artigo indefinido, um pronome demonstrativo ou possessivo, numeral ou um quantificador, a EN é possível sem qualquer tipo de limitações.

No capítulo 3, apresentei uma revisão da literatura de trabalhos relacionados com a aquisição de construções com categorias vazias ou elipses. Trabalhos como o de Hyams (1986,1994), Grueter (2006), Costa & Lobo (no prelo) e Santos (2006). Ainda neste capítulo incluí dois trabalhos que relacionam a aquisição da EN com o paradigma da concordância morfológicas no espanhol e no grego (cf. Snyder, Senghas & Inman (2001) e Ntelitheos & Christodoulou (2005)). Ambos os estudos concluem que a concordância morfológica não está directamente ligada à aquisição da EN, funcionando como um pré-requisito para a identificação do núcleo nominal elidido.

No capítulo 4, apresento o estudo experimental que realizei sobre a aquisição da EN em PE. Numa primeira parte foi feito um enquadramento que abrange algumas questões teóricas relacionadas com a EN e com a compreensão e produção da mesma, às quais me propus a responder, assim como os objectivos de cada um dos teste aplicados, seguida da caracterização da amostra utilizada. Para cada teste – produção elicitada, compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade e “act-out” – é feita uma caracterização da metodologia usada, bem como as condições com a respectiva justificação de relevância neste trabalho. Por último são apresentados os resultados obtidos neste estudo experimental acompanhados da sua análise. No ponto 4.4 faço a discussão da análise dos dados obtidos. Neste ponto tentei aproximar, comparando os

meus resultados com os dados de outros trabalhos, as minhas conclusões às conclusões já existentes para outras línguas como o espanhol e o grego.

Sintetizando, após a realização deste trabalho concluí que:

- (i) as crianças portuguesas, tal como as crianças espanholas e gregas, produzem elipse nominal desde os 2 anos;
- (ii) a elipse nominal é mais frequente nos contextos com adjetivos do que nos contextos com SPs;
- (iii) não foi possível observar nenhuma eventual correlação entre produção de elipse nominal e morfologia;
- (iv) crianças com idades inferiores a 3 anos, possuem uma gramática mais permissiva do que a do adulto, permitindo interpretações da EN sem antecedente linguístico.

Referências Bibliográficas

- BERNSTEIN, J. (1993) *Topics in the Syntax and Nominal Structure Across Romance*,
Dissertação de Doutorado, CUNY.
- BORER, H. (1984) *Parametric Syntax: Case Studies in Semitic and Romance
Languages*, Foris, Dordrecht, The Netherlands.
- BOSQUE, I. & V. DEMONTE, orgs. (2000) *Gramática Descriptiva de la Lengua
Española*, vol. 2, Madrid, Real Academia Española, España.
- BRUCART, J. M. (1999) La elipsis, in I. Bosque & V. Demonte, orgs. Gramática
Descriptiva de la Lengua Española. Vol. 2. Las construcciones sintácticas
fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. España,
Madrid; cap. 43.
- FARIA, I. H. et. al. (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa,
Caminho.
- CAMPOS, M. H. C. & M.F. XAVIER (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*,
Universidade Aberta, Lisboa.
- CASTRO, A. (2007) “O processamento da concordância de número interna ao DP por
crianças de 2 anos falantes de português europeu”, in *XXII Encontro Nacional
da APL. Textos Seleccionados*, APL/Colibri, Lisboa; pp. 211-231.
- CHOMSKY, C. (1969) *The acquisition of syntax in children from 5 to 10*, Cambridge,
Massachusetts, MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris.
- _____ (1986) *Knowledge of Language, its Nature, Origin and Use*. New York,
Praeger.
- _____ (1988) *Language and Problems of Knowledge: The Managua Lecture*,
Cambridge, Massachusetts, MIT Press

- _____ (1993) "A Minimalist Program for Linguistic Theory", in K. Hale & S. J. Keyser, *The View From Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- _____ (1995) *The Minimalist Program*. The MIT Press, Cambridge, Mass. (trad. port. de Eduardo Paiva Raposo: *O Programa Minimalista*, Editorial Caminho, Lisboa, 1999).
- CRAIN, S. & THORNTON, R., (2000) *Investigations in Universal Grammar, A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London.
- CUNHA, C. & L. F. L. CINTRA (1992) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 12ª edição, Edições João Sá da Costa, Lda., Lisboa.
- COSTA, J. & M. LOBO (2007) "Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos", *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 303-313.
- _____ (no prelo) "Omissão de Clíticos na Aquisição de Português Europeu: dados de compreensão", *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*.
- COSTA, J. & J. LOUREIRO (2006) "Morphology vs. Word Order in the Acquisition of V-to-I", in *Catalan Journal of Linguistics* vol. 5, pp. 45-58.
- GUASTI, M.T. (2002) *Language Acquisition*. Cambridge. Mass: MIT Press.
- GRUETER, T. (2006) *Object Clitics and Null Objects in the Acquisition of French*, Dissertação de Doutoramento, McGill University, Montreal.
- HYAMS, N. (1986) *Language Acquisition and the Theory of Parameters*, Dordrecht / Boston / Lancaster / Tokyo: D. Reidel Publishing Company.
- _____ (1994) "VP, Null Arguments and COMP Projections", in Hoekstra, T. & D. Schwartz, eds. *Language Acquisition Studies in Generative Grammar. Papers in Honor of Kenneth Wexler from the 1991 Glow Workshops*, John Benjamins Pub. Co., Amsterdam, pp. 21-55

- HYAMS, N. & K. WEXLER (1993) “On the grammatical basics of null subjects in child language”, *Linguistic Inquiry* 24.3, pp. 421-459.
- KAYNE, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press
- KESTER, E. (1996) *The Nature of Adjectival Inflection*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Utrecht.
- KESTER, E. & P. SLEEMAN (2002) “N-ellipsis in Spanish”, in *Linguistics in the Netherlands*, John Benjamins, pp. 107-116.
- LICERAS, J., L. DÍAZ & C. MONGEON (2000) “N-drop and determiners in native and non-native Spanish: more on the role of morphology in the acquisition of syntactic knowledge”, in *Circle of Linguistics Applied to Communication/* clac 3/2000.
- LOBECK, A. (1995) “Ellipsis: Functional heads, licensing, and identification”, *Language*, vol. 72, n° 3, pp. 634-637.
- MATEUS et.al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- MARTINHO, F. (1998) *A Elipse Nominal em Português e em Francês*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.
- MATOS, G. (1992) *Construções de Elipse do Predicado em Português*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- _____ (2003) “Construções elípticas” in Mateus et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho; Cap. 21.
- McDANIEL, D., C. McKEE & H. CAIRNS (1996) *Methods for Assessing Children’s Syntax*, The MIT Press, Cambridge.
- MERCHANT, J. (2001) *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands and the Theory of Ellipsis*, Oxford University Press, Oxford.

- MUELLER, N., & HULK, A. (2001) “Crosslinguistic influence in bilingual language acquisition: Italian and French as recipient languages”, *Bilingualism: Language and Cognition*, 4, pp. 1-21.
- NAME, M. & L. CORRÊA (2001) “Young children sensitivity to determiners and the identification of the gender system in Portuguese”, in *Proceedings of the GALA'2001 Conference on Language Acquisition* (2002), APL, Lisboa.
- PÉREZ- LEROUX, A. et. al (2005) “Early object omission in child French and English”, apresentado em Linguistic Symposium on Romance Languages, Austin, Texas.
- NTELITHEOS, D. & E. CHRISTODOULOU (2005) “The Acquisition of Nominal Ellipsis in Greek”, in *UCLA Working Papers in Linguistics*, nº 13, pp. 14-33.
- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Editorial Caminho, Lisboa.
- REINHART, T. (1999) “The Processing Cost of Reference-set Computation: Guess Patterns in Acquisition”. Lectures given in Rutgers cognitive colloquium.
- RIZZI L. (1986) “Null objects in Italian and the theory of *pro*”, *Linguistic Inquiry*, Vol. 17, nº 3, pp. 501-557.
- SANTOS, A. (2006) *Minimal Answers Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- SLEEMAN, P. (1996) “Licensing empty nouns in French”, *Language*, vol. 74, nº 2, pp. 430-431.
- SNYDER, W., A. SENGHAS & K. INMAN (2001) “Agreement Morphology and the Acquisition of Noun-Drop in Spanish”, *Language Acquisition*, 9.2, pp. 157-173.
- SPORTICHE, D. (1996) “Clitic Construction” in J. Rooryck & L. Zaring (eds.), *Phrase structure and the lexicon*, Dordrecht: Kluwer, pp. 213-276.

- TORREGO, E. (1988) "Evidence for Determiners Phrases", Ms. University of Massachusetts, Boston.
- VALOIS, D., P. ROYLE & A. SUTTON (2008) "Agreement, subsets and N-drop in French child language", poster apresentado na conferência do IASCL2008, Edimburgo.
- VALOIS, D., P. ROYLEE, BOURDUA-ROY & A. SUTTON (no prelo) "Étude transversale de l'ellipse du nom en français et le rôle des données del'acquisition pour la théorie linguistique", *Revue canadienne de linguistique. Canadian Journal of Linguistics*.
- WANG, M., et.al (1992) "Null subjects versus null object : Some evidence from the acquisition of Chinese and English", *Language Acquisition*, 2, pp. 221-254.
- WIJNEN, F., T. ROEPER & H. van der MEULEN (2004) "Discourse Binding: Does it Begin with Nominal Ellipsis?", in *Proceedings of GALA 2003*. Utrecht: LOT.

Anexo A: itens do teste de produção elicitada

1. O cavalo branco está perto do jardim e o cavalo castanho está perto do lago

1MSA1 - Que cavalo é que está perto do jardim?

1MSA2 - Que cavalo é que está perto do lago?

2. Os cavalos grandes saltam a barreira e os cavalos pequenos ficam parados.

2MPA1 - Que cavalos é que saltaram a barreira?

2MPA2 - Que cavalos é que ficaram parados?

3. A vaca grande come cenouras e a vaca pequena bebe leite.

3FSA1 - Que vaca é que come cenouras?

3FSA2 - Que vaca é que bebe leite?

4. As cabras castanhas estão em pé e as cabras cinzentas estão deitadas.

4FPA1 - Que cabras é que estão em pé?

4FPA2 - Que cabras é que estão deitadas?

5. O senhor de boné rega o jardim e o senhor sem boné brinca com o cão.

5MSSP1 - Que senhor é que está a regar o jardim?

5MSSP2 - Que senhor é que está a brincar com o cão?

6. A senhora da camisola azul anda de barco e a senhora da camisola amarela anda de carro.

6FSSP1 - Que senhora é que está a andar de barco?

6FSSP2 - Que senhora é que está a andar de carro?

7. O cavalo grande salta a barreira e o cavalo pequeno fica parado.

7MSA1 - Que cavalo é que saltou a barreira?

7MSA2 - Que cavalo é que ficou parado?

8. Os elefantes pequenos estão a beber leite e os elefantes grandes estão a comer cenouras.

8MPA1 - Que elefantes é que estão a beber leite?

8MPA2 - Que elefantes é que estão a comer cenouras?

9. A cabra castanha está ao pé do tractor e a cabra cinzenta está ao pé do barco.

9FSA1 - Que cabra é que está ao pé do tractor?

9FSA2 - Que cabra é que está ao pé do barco?

10. As vacas grandes estão perto do jardim e as vacas pequenas estão perto do lago.

10FPA1 - Que vacas é que estão perto do jardim?

10FPA2 - Que vacas é que estão perto do lago?

11. O senhor de barba está sentado e o senhor sem barba está em pé.

11MSSP1 - Que senhor é que está sentado?

11MSSP2 - Que senhor é que está em pé?

12. A macaca de rabo comprido come cenouras e a macaca de rabo curto bebe leite.

12FSSP1 - Que macaca é que está a comer cenouras?

12FSSP2 - Que macaca é que está a beber leite?

13. Os cavalos brancos estão ao pé do barco e os cavalos castanhos estão ao pé do tractor.

13MPA1 - Que cavalos é que estão ao pé do barco?

13MPA2 - Que cavalos é que estão ao pé do tractor?

14. A girafa pequena fica parada e a girafa grande salta a barreira.

14FSA1 - Que girafa é que ficou parada?

14FSA2 - Que girafa é que saltou a barreira?

15. O rapaz de mala come um gelado e o rapaz sem mala bebe leite.

15MSSP1 - Que rapaz é que está a comer um gelado?

15MSSP2 - Que rapaz é que está a beber leite?

16. A senhora da camisola amarela rega o jardim e a senhora da camisola azul brinca com o cão.

16FSSP1 - Que senhora é que está a regar o jardim?

16FSSP2 - Que senhora é que está a brincar com o cão?

17. Os animais grandes estão em pé e os animais pequenos estão deitados.

17MPA1 - Que animais é que estão em pé?

17MPA2 - Que animais é que estão deitados?

18. A porca grande come cenouras e a porca pequena bebe leite.

18FSA1 - Que porca é que está a comer cenouras?

18FSA2 - Que porca é que está a beber leite?

19. O cavalo com pintas salta a barreira e o cavalo sem pintas fica parado.

19MSSP1 - Que cavalo é que saltou a barreira?

19MSSP2 - Que cavalo é que ficou parado?

20. O urso branco está ao pé do barco e o urso castanho está ao pé do tractor.

20MSA1 - Que urso é que está ao pé do barco?

20MSA2 - Que urso é que está ao pé do tractor?

21. As vacas pequenas bebem leite e as vacas grandes comem cenouras.

21FPA1 - Que vacas é que estão a beber leite?

21FPA2 - Que vacas é que estão a comer cenouras?

22. A cabra com o laço está deitada e a cabra sem laço está em pé.

22FSSP1 - Que cabra é que está deitada?

22FSSP2 - Que cabra é que está em pé?

23. As macacas brancas e castanhas saltam a barreira e as macacas cinzentas ficam paradas.

23FPA1 - Que macacas é que saltaram a barreira?

23FPS2 - Que macacas é que ficaram paradas?

24. O rapaz grande come um gelado e o rapaz pequeno bebe leite.

24MSA1 - Que rapaz é que está a comer um gelado?

24MSA2 - Que rapaz é que está a beber leite?

Anexo B: quadro de registo individual das crianças do teste de produção elicitada

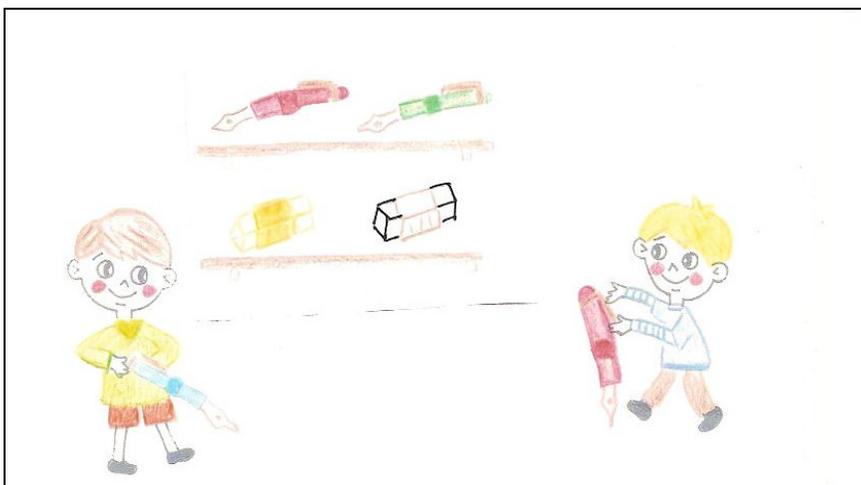
Nome	Id.	MSA1	MSA2	MPA1	MPA2	FSA1	FSA2	FPA1	FPA2
Afonso	3;9	3/4	4/4	3/4	4/4	3/4	4/4	4/4	4/4
		75%	100%	75%	100%	75%	100%	100%	100%
Nancy	2;2	3/4	4/4	3/4	3/4	4/4	4/4	1/4	3/4
		75%	100%	75%	75%	100%	100%	25%	75%
Duarte1	2;7	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Luna	2;8	3/4	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	2/4	3/4
		75%	100%	100%	100%	75%	100%	50%	75%
Diogo	3;10	4/4	4/4	2/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
		100%	100%	50%	100%	100%	100%	100%	100%
Inês	2;6	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4	3/4	4/4	3/4
		100%	100%	75%	100%	100%	75%	100%	75%
Matilde1	2;11	3/4	3/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
		75%	75%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Maria	2;7	3/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4
		75%	100%	100%	100%	100%	100%	75%	100%
Sofia	4;8	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	75%	100%
Carolina1	4;4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Matilde2	4;3	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	3/4
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	75%
Carolina2	4;3	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	3/4
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	75%
Francisco1	4;2	3/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
		75%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Miguel	4;0	2/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
		50%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Camila	3;9	4/4	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4	3/4
		100%	100%	100%	100%	75%	100%	100%	75%
João1	4;11	3/4	4/4	4/4	4/4	3/4	3/4	4/4	4/4
		75%	100%	100%	100%	75%	75%	100%	100%
Manuel	4;2	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4	2/4	4/4
		100%	100%	100%	75%	100%	100%	50%	100%

Nome	MSSP1	MSSP2	FSSP1	FSSP2	Total
Afonso	3/4	4/4	4/4	4/4	44/48
	75%	100%	100%	100%	91,6%
Nancy	1/4	2/4	1/4	2/4	31/48
	25%	50%	25%	50%	64,6%
Duarte1	2/4	4/4	2/4	3/4	43/48
	50%	100%	50%	75%	89,6%
Luna	1/4	4/4	1/4	4/4	37/38
	25%	100%	25%	100%	77,1%
Diogo	2/4	3/4	4/4	4/4	43/48
	50%	75%	100%	100%	89,6%
Inês	2/4	4/4	4/4	3/4	42/48
	50%	100%	100%	75%	87,5%
Matilde1	3/4	4/4	4/4	4/4	45/48
	75%	100%	100%	100%	93,7%
Maria	2/4	4/4	1/4	4/4	41/48
	50%	100%	25%	100%	85,4%
Sofia	4/4	4/4	4/4	3/4	46/48
	100%	100%	100%	75%	95,8%
Carolina1	4/4	4/4	4/4	4/4	48/48
	100%	100%	100%	100%	100%
Matilde2	3/4	4/4	3/4	4/4	45/48
	75%	100%	75%	100%	93,7%
Carolina2	3/4	3/4	3/4	4/4	44/48
	75%	75%	75%	100%	91,6%
Francisco1	4/4	4/4	3/4	4/4	46/48
	100%	100%	75%	100%	95,8%
Miguel	3/4	4/4	2/4	4/4	43/48
	75%	100%	50%	100%	89,6%
Camila	3/4	4/4	4/4	3/4	44/48
	75%	100%	100%	75%	91,6%
João1	4/4	3/4	4/4	3/4	43/48
	100%	75%	100%	75%	89,6%

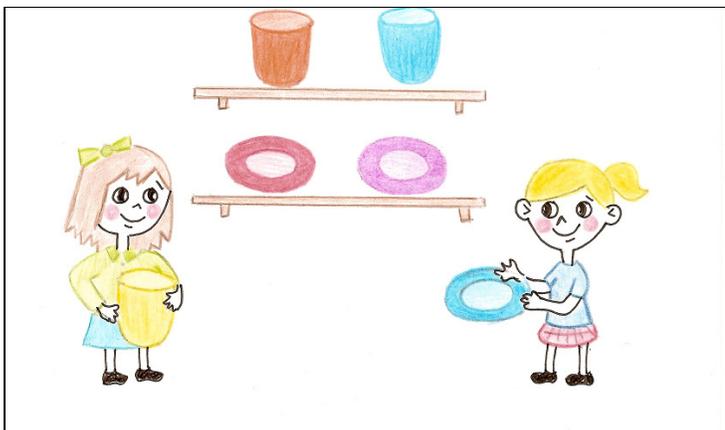
Anexo C – Imagens do teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade



(1/23)



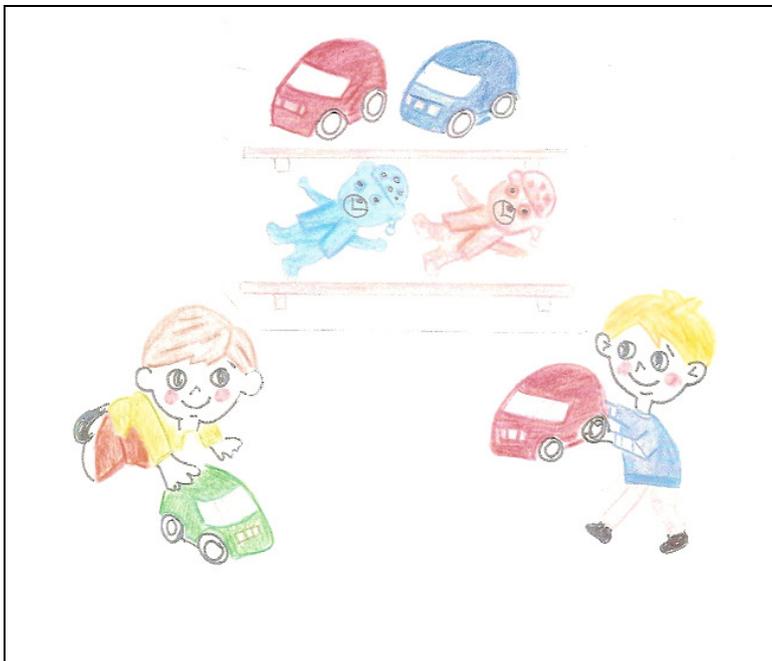
(2)



(3/13)



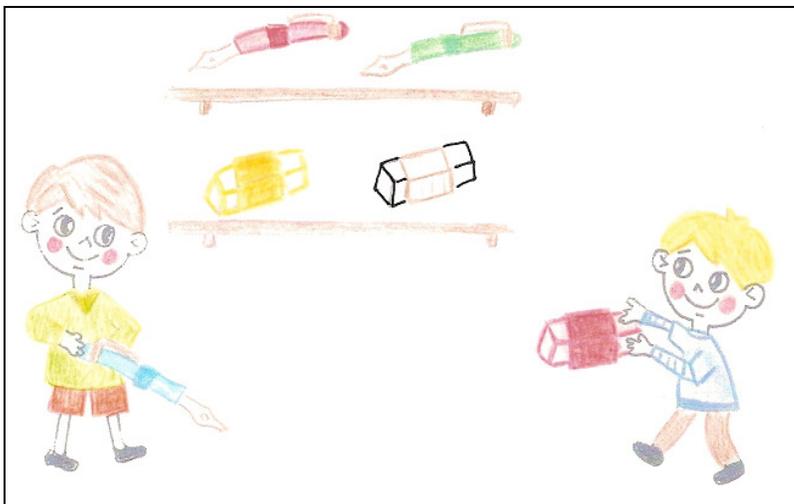
(4/14)



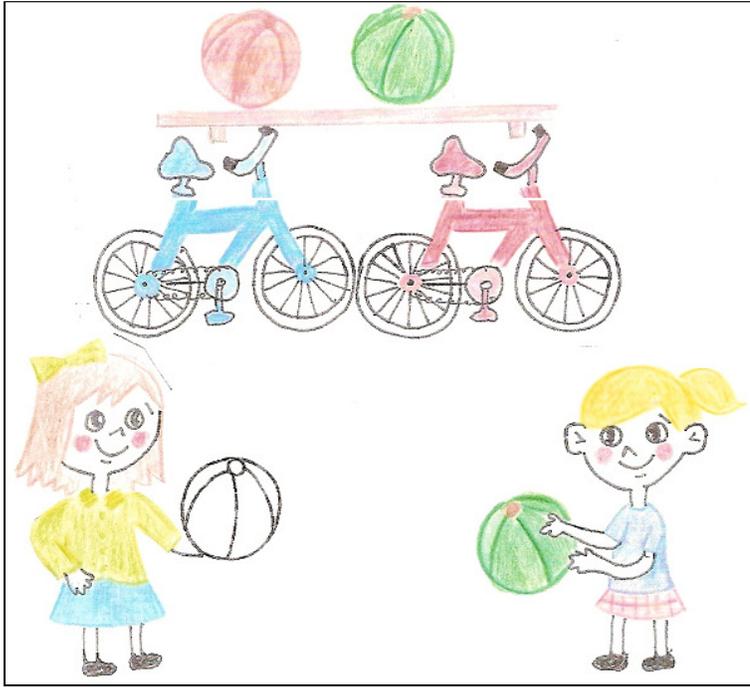
(5)



(6)



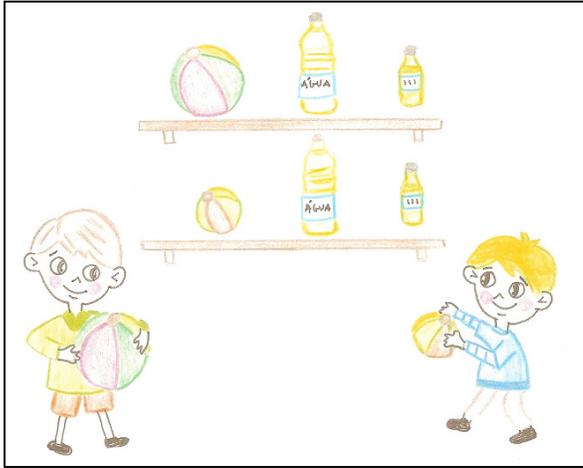
(7/24)



(8)



(9)



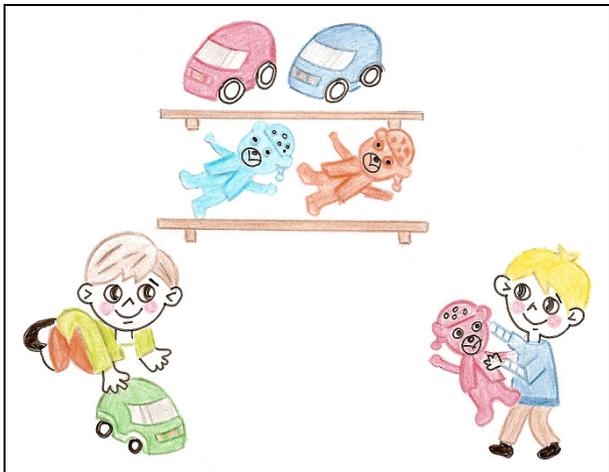
(10/17)



(11/16)



(12)



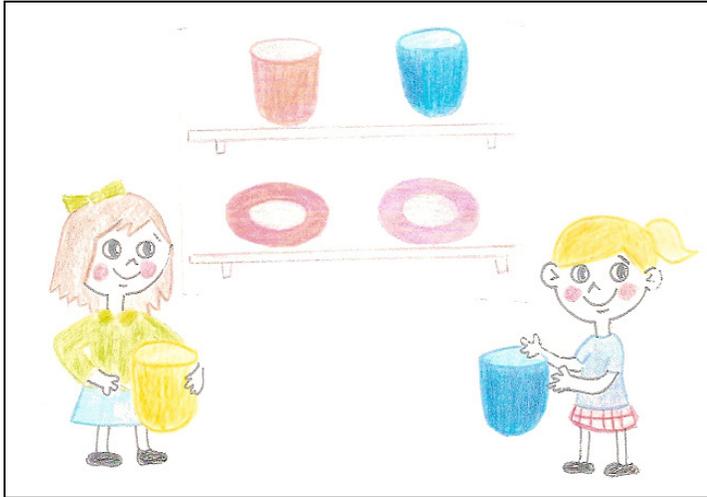
(15/22)



(18)



(19)



(20)



(21)

Anexo D: itens do teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade

1CONT V Inv.: A Maria comprou as botas castanhas...

Berto: e a Joana comprou as botas cor-de-rosa.

2CENIV Inv.: O João comprou uma caneta azul...

Berto: e o Pedro comprou uma (-) vermelha.

(-) = caneta

3CENDF Inv.: A Maria tem o copo amarelo...

Berto: e a Joana tem o (-) azul

(-) = prato

4CONT F Inv.: A Maria comprou uma camisola azul...

Berto: e a Joana comprou uma saia amarela.

5CENDV Inv.: O João comprou o carro verde...

Berto: e o Pedro comprou o (-) vermelho.

(-) = carro

6CENIF Inv.: O João comeu um chupa-chupa grande...

Berto: e o Pedro comeu um (-) pequeno.

(-) = bolo

7CONT F Inv.: O João comprou uma caneta azul...

Berto: e o Pedro comprou uma caneta vermelha.

- 8CENIV Inv.: A Maria brinca uma bola branca...
 Berto: e a Joana brinca com uma (-) verde.
 (-) = bola
- 9CENIF Inv.: A Maria comprou uma camisola azul...
 Berto: e a Joana comprou uma (-) amarela.
 (-) = saia
- 10CONT V Inv.: O João brinca com a bola grande...
 Berto: e o Pedro brinca com a bola pequena.
- 11CENIV Inv.: O João comeu um chupa-chupa grande
 Berto: e o Pedro comeu um (-) pequeno.
 (-) = chupa-chupa
- 12CENIF Inv.: A Maria brinca uma bola branca...
 Berto: e a Joana brinca com uma (-) verde.
 (-) = bicicleta
- 13CONT F Inv.: A Maria tem o copo amarelo...
 Berto: e a Joana tem o copo azul.
- 14CENIV Inv.: A Maria comprou uma camisola azul...
 Berto: e a Joana comprou uma (-) amarela.
 (-) = camisola
- 15CENDF Inv.: O João comprou o carro verde...
 Berto: e o Pedro comprou o (-) vermelho.
 (-) = boneco

16CONT V Inv.: O João comeu um chupa-chupa grande...
Berto: e o Pedro comeu um chupa-chupa pequeno.

17CENDV Inv.: O João brinca com a bola grande...
Berto: e o Pedro brinca com a (-) pequena.

(-) = bola

18CENDF Inv.: A Maria comprou as botas castanhas...
Berto: e a Joana comprou as (-) cor-de-rosa.

(-) = sapatilhas

19CONT F Inv.: A Maria brinca uma bola branca...
Berto: e a Joana brinca com uma bola verde.

20CENDV Inv.: A Maria tem o copo amarelo...
Berto: e a Joana tem o (-) azul.

(-) = copo

21CENDF Inv.: O João brinca com a bola grande...
Berto: e o Pedro brinca com a (-) pequena.

(-) = garrafa

22CONT V Inv.: O João comprou o carro verde...
Berto: e o Pedro comprou o boneco vermelho.

23CENDV Inv.: A Maria comprou as botas castanhas...
Berto: e a Joana comprou as (-) cor-de-rosa

(-) = botas

24CENIF Inv.: O João comprou uma caneta azul...

Berto: e o Pedro comprou uma (-) vermelha.

(-) = borracha

Anexo E: quadro de registo individual das crianças do teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade

Condição Nome	CONTV	CONTF	CENDV	CENDF	CENIV	CENIF
Catarina 5;0	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	2/4 50%	4/4 100%	4/4 100%
Joana1 5;6	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%
Patrícia 5,5	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	3/4 75%	4/4 100%	4/4 100%
Sofia 4;8	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	2/4 50%	4/4 100%	4/4 100%
Mariana1 4;11	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	0/4 0%	4/4 100%	0/4 0%
Francisco1 4;7	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%
João1 4;11	4/4 100%	3/4 75%	4/4 100%	1/4 25%	4/4 100%	0/4 0%
Diogo 6;0	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%
Filipa 5;6	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%
Beatriz 6;4	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	3/4 75%	4/4 100%	4/4 100%
Joana2	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4

5;5	100%	100%	100%	75%	100%	100%
João2	4/4	4/4	4/4	3/4	3/4	3/4
6;2	100%	100%	100%	75%	75%	75%
Leonor	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4
5;5	100%	100%	100%	75%	100%	100%
Pedro	4/4	4/4	4/4	2/4	4/4	4/4
6;4	100%	100%	100%	50%	100%	100%
Gonçalo	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
5;11	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Francisco2	4/4	3/4	4/4	1/4	4/4	3/4
3;9	100%	100%	100%	25%	100%	75%
Mariana2	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	3/4
3;11	100%	100%	100%	75%	100%	75%
Matilde1	4/4	4/4	4/4	2/4	4/4	3/4
3;10	100%	100%	100%	50%	100%	75%
Ricardo	4/4	3/4	4/4	2/4	4/4	2/4
3;11	100%	100%	100%	50%	100%	50%
Rita	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	3/4
4;7	100%	100%	100%	75%	100%	75%
Mariana3	4/4	4/4	4/4	2/4	4/4	3/4
4;5	100%	100%	100%	50%	100%	75%
Madalena	4/4	3/4	4/4	3/4	4/4	3/4
4;7	100%	75%	100%	75%	100%	75%
Lucas	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4
5;5	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Margarida	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	2/4
5;5	100%	100%	100%	75%	100%	50%
Guilherme	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4

5;6	100%	100%	100%	75%	100%	100%
Tomás	4/4	4/4	4/4	1/4	4/4	3/4
3;8	100%	100%	100%	25%	100%	75%
Inês	4/4	4/4	4/4	3/4	4/4	4/4
3;9	100%	100%	100%	75%	100%	100%
Fancisco3	4/4	4/4	4/4	2/4	4/4	3/4
3;11	100%	100%	100%	50%	100%	75%
Matilde2	4/4	4/4	4/4	2/4	4/4	3/4
3;6	100%	100%	100%	50%	100%	75%

Anexo F: itens do teste de compreensão com tarefa de “ act-out”

1. Está aqui um cavalo branco e um cavalo castanho. Um urso branco e um urso castanho.

1MA - O cavalo branco fica parado e o (-) castanho salta a barreira.

2. Está aqui um senhor de mala e um senhor sem mala. Um rapaz de mala e um rapaz sem mala.

2MSP - O senhor de mala vai para o carro e o (-) sem mala vai para o barco.

3. Está aqui uma vaca grande e uma vaca pequena. Um girafa grande e uma pequena.

3FA - A vaca grande está de pé e a (-) pequena está deitada.

4. Está aqui uma girafa com chapéu e uma girafa sem chapéu. Uma cabra com chapéu e uma cabra sem chapéu.

4FSP - A girafa sem chapéu vai para o jardim e a (-) com chapéu vai para o lago.

5. Está aqui um elefante grande e um elefante pequeno. Um cavalo grande e um cavalo pequeno.

5MA - O elefante grande está a comer cenouras e o (-) pequeno está a beber leite.

6. Está aqui um senhor de chapéu preto e um senhor sem chapéu. Um senhor de chapéu castanho e um senhor sem chapéu.

6MSP - O senhor de chapéu preto está de pé e o (-) sem chapéu está sentado.

7. Está aqui uma girafa grande e uma girafa pequena. Uma porca grande e uma porca pequena.

7FA - A girafa grande fica parada e a (-) pequena salta a barreira.

8. Está aqui uma vaca com um cachecol e uma vaca sem cachecol. Uma porca com um cachecol e uma porca sem cachecol.

8FSP - A vaca com o cachecol está perto do tractor e a (-) sem cachecol está ao pé do jardim.

9. Está aqui um cavalo grande e um cavalo pequeno. Um elefante grande e um elefante pequeno.

9MA - O cavalo pequeno está a beber leite e o (-) grande está a comer cenouras.

10. Está aqui um rapaz de mala e um rapaz sem mala. Um senhor de mala e um senhor sem mala.

10MSP - O rapaz sem mala vai para perto dos cavalos e o (-) de mala vai comer um gelado.

11. Está aqui um cão sem pintas e um cão com pintas. Um cavalo sem pintas e um cavalo com pintas.

11MSP - O cão sem pintas está no jardim e o (-) com pintas está no lago com o pato.

12. Está aqui uma porca grande e uma porca pequena. Uma vaca grande e uma vaca pequena.

12FA - A porca grande está a comer cenouras e a (-) pequena está a beber leite.

13. Está aqui uma vaca grande e uma vaca pequena. Uma porca grande e uma porca pequena.

13FA - A vaca pequena vai para perto do barco e a (-) a grande vai para perto do tractor.

14. Está aqui uma cabra de laço e uma cabra sem laço. Uma girafa de laço e uma girafa sem laço.

14FSP - A cabra de laço cor de rosa está deitada e a (-) sem laço está de pé.

15. Está aqui um cavalo com pintas e um cavalo sem pintas. Um cão com pintas e um cão sem pintas.

15MSP - O cavalo com pintas salta a barreira e o (-) sem pintas fica parado.

16. Está aqui uma girafa grande e uma girafa pequena. Uma vaca grande e uma vaca pequena.

16FA - A girafa pequena está a beber leite e a (-) grande está a comer cenouras.

17. Está aqui uma cabra de chapéu e uma cabra sem chapéu. Uma girafa com chapéu e uma girafa sem chapéu.

17FSP - A cabra de chapéu fica parada e a (-) sem chapéu salta a barreira.

18. Está aqui um elefante grande e um elefante pequeno. Um cavalo grande e um cavalo pequeno.

18MA - O elefante pequeno está de pé e o (-) grande está deitado.

19. Está aqui um urso branco e um urso castanho. Um cavalo branco e um cavalo castanho.

19MA - O urso castanho vai para perto do barco e o (-) branco vai para perto do tractor.

20. Está aqui uma porca de cachecol e uma porca sem cachecol. Uma vaca de cachecol e uma vaca sem cachecol.

20FSP - A porca sem cachecol está a comer uma pinha e a (-) de cachecol está a beber leite.

Anexo G: quadro de registo individual das crianças do teste de compreensão com tarefa de “act-out”

Nome	Id.	MA (5)	FA (5)	MSP (5)	FSP (5)	Total (20)
Diogo	3;10	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	4/5 80%	18/20 90%
Afonso	3;9	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Luna	2;8	4/5 80%	4/5 80%	3/5 60%	0/5 0%	11/20 55%
Nancy	2;2	4/5 80%	3/5 60%	1/5 20%	1/5 20%	9/20 45%
Duarte1	2;7	3/5 60%	4/5 80%	4/5 80%	2/5 40%	13/20 65%
Inês1	2;6	5/5 100%	3/5 60%	5/5 100%	5/5 100%	18/20 90%
Matilde1	2;11	4/5 80%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	18/20 90%
Maria	2;7	4/5 80%	5/5 100%	3/5 60%	3/5 60%	15/20 75%
Sofia	4;8	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Carolina1	4;4	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Matilde2	4;3	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%

Carolina2	4;3	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Francisco1	4;2	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Miguel	4;0	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%
Camila	3;9	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
João1	4;11	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Manuel	4;2	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%
Matilde3	3;6	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	4/5 80%	18/20 90%
Beatriz	2;6	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	2/5 40%	17/20 85%
Francisco2	3;3	5/5 100%	5/5 100%	3/5 60%	5/5 100%	18/20 90%
Ana	4;2	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
João 2	3;6	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	4/5 80%	18/20 90%
Mariana	3;5	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%
Inês 2	3;4	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%
José	3;3	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	19/20 95%

Duarte2	2;10	5/5 100%	5/5 100%	3/5 60%	3/5 60%	16/20 80%
Matilde 3	3;3	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%
Artur	2;10	5/5 100%	4/5 80%	3/5 60%	5/5 100%	17/20 85%
Madalena	2;5	5/5 100%	5/5 100%	3/5 60%	4/5 80%	17/20 85%
Rodrigo	4;7	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	19/20 95%

Anexo H: quadros de registo individual do grupo de controlo

Nome	Id.	MSA	MPA	FSA	FPA	MSSP	FSSP	Total
Carlos	55	8/8	8/8	8/8	8/8	7/8	7/8	46/48
		100%	100%	100%	100%	87,5%	87,5%	95,8%
André	27	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	6/8	46/48
		100%	100%	100%	100%	100%	75%	95,8%
Ana	27	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	48/48
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Artur	25	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	48/48
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Maria	54	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	8/8	48/48
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Inês	26	8/8	8/8	8/8	8/8	7/8	8/8	47/48
		100%	100%	100%	100%	87,5%	100%	97,9%

Quadro de registo individual do teste de produção elicitada do grupo de controlo

Nome	Id.	CONTV	CONTF	CENDV	CENDF	CENIV	CENIF	Total
Carlos	55	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	24/24
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
André	27	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	24/24
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Ana	27	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	24/24
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Artur	25	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	4/4	24/24
		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Maria	54	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	24/24 100%
Inês	26	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	4/4 100%	24/24 100%

Quadro de registo individual do teste de compreensão com tarefa de juízo de valor de verdade do grupo de controlo

Nome	Id.	MSA	FA	MSP	FSP	Total
Carlos	55	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
André	27	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Ana	27	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Artur	25	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Maria	54	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%
Inês	26	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	20/20 100%

Quadro de registo individual do teste de compreensão com tarefa de “act-out” do grupo de controlo

